



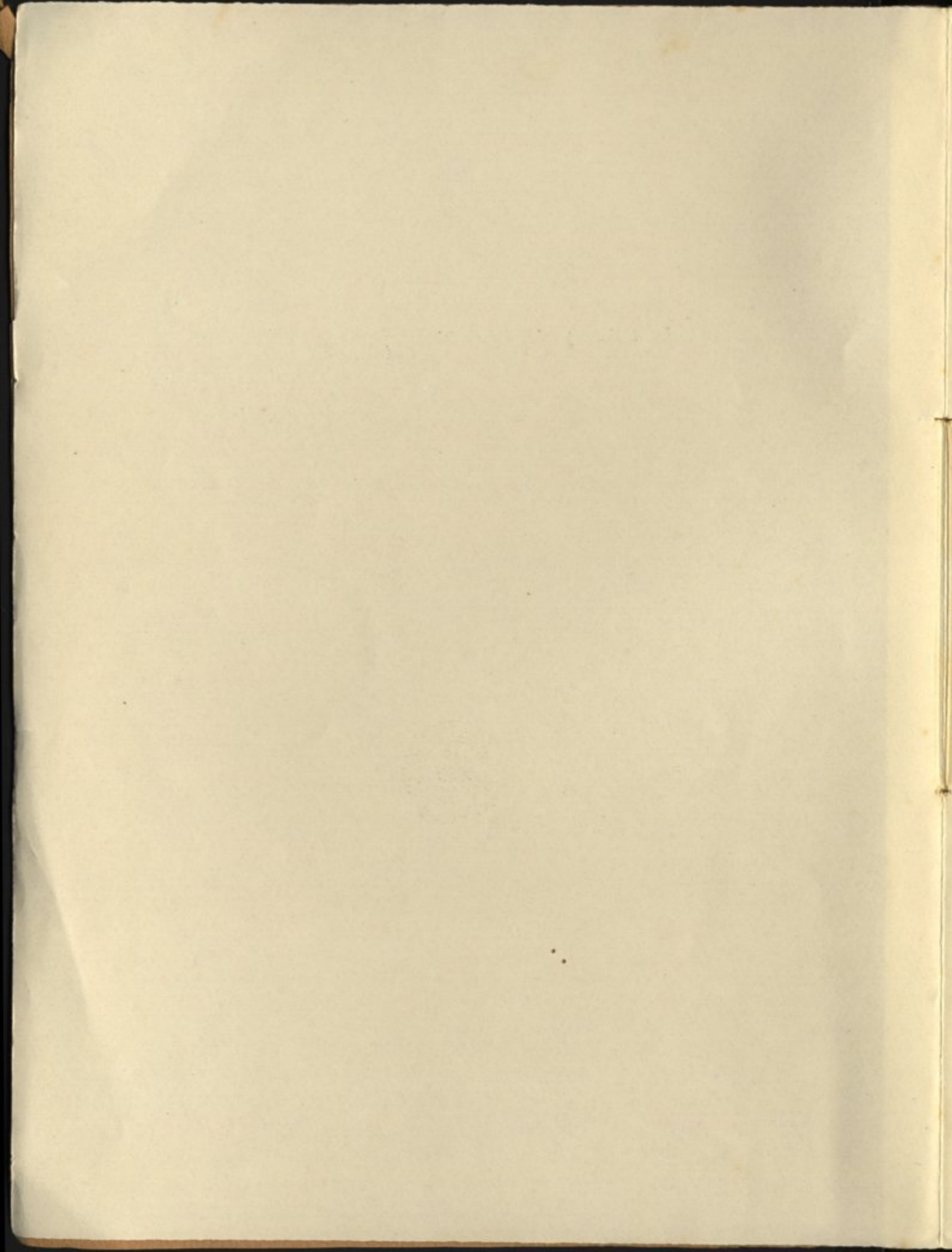


# Memorias

diario do coveiro do ganso

1687





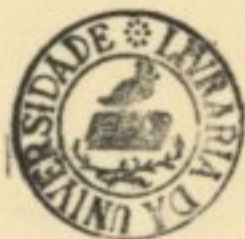


# Memorias

1954

Diario ao correr da pena:

Vol. ....



MEMORIAS

Diario de Carlos de Ojeda

1520







« Todo o homem tem uma porção  
de ineptia que ha-de sair em prosa  
ou em verso... »

Carrilo : Castello-Branco : Can-  
cionário Alegre, 2.<sup>a</sup> ed.<sup>ta</sup> vol. I,  
pag. 113.



Lisboa:

Março: 8

Hoje, ao ir falar com o Pires Monteiro na Revista Militar, encontrei lá o Paul Esteves. Estavam os dois a conversar acerca das manifestações em Espanha contra a ida do rainha de Inglaterra a Gibraltar e ainda acerca dos corts que a censura faz de todas as noticias relativas á accção do Grupo de Amigos de Olivença.

Pelo desenrolar da conversa fiquei sabendo que o Grupo trabalha ha muito pela restituição de Olivença a Portugal e que ultimamente, perante os corts da censura e a espectaculosa facilidade com que os jornais publicam as noticias das manifestações espanholas contrarias á Inglaterra, o dito Grupo resolveu fazer uma exposição fundamentada do caso de Olivença e distribui-la pela imprensa europeia e americana.

Esta distribuição deu resultado pois muitos jornais, especialmente na Alemanha occidental, a tem transcrita e alguns com commentarios desfavoraveis á Espanha que grita por Gibraltar que, por tratado, entregou á Inglaterra e não restitue a Portugal a ilha



de Olivença que, por um tratado, se obrigou a restituir.

O Raul Estêves disse ainda que, em nome do Grupo, solicitou audiência ao ministro do Interior e que, perante este, protestou contra os actos da censura no que respeita a Olivença e contra o espatifato autorizado no que respeita ás manifestações contra a nossa aliada Inglaterra. O ministro prometeu estudar o assunto...

Durante a conversa o Estêves abordou o problema da nossa representação em Gibraltar, em Maio, durante a visita da rainha inglesa; o Governo mandará um navio de guerra, ao menos, para cumprimentos? A França já anunciou que irá uma esquadra prestar a homenagem devida. E nós, o que faremos?

O Raul Estêves sugeriu que os antigos combatentes de 1814-18 fossem, no dia em que a rainha sobresse em Gibraltar, deixar os seus cartões na Embaixada Inglesa; e que nas terras de provincia se fizesse qualquer manifestação equivalente, junto dos consules ou quaisquer instituições britânicas. Eu fiquei encarregado de, em Coimbra, pro-



mover, com as devidas cautelas, essa minha manifestação junto da Casa de Lyplaterra.

Farei a diligencia o melhor q. souber e puder.

Ara tudo isto é muito curioso e mostra bem o que é a actual politica portuguesa. E aqui fica para memoria...

Lições:

Março: 9.

Fiquei - me hoje dos meus cuidados e fui ao Instituto Geografico e Cadastral, á Es. Trella, procurar o Gestão de Melo de Matos para saber em que altura vai o caso do meu infeliz Saldanha.

Recebeu - me m.<sup>te</sup> bem, como pessoa de boa educação. Informou - me de que lera já o meu trabalho e de que, de modo geral, o achára estudo honesto, profundo, com novas luzes historicas e novos pontos de vista « como em regra, publichou, se encontram "nos meus trabalhos..." » Não se curda, porém, com certas opiniões ou conclusões minhas, o que, acrescentou, não altera o juizo que formou da obra; e disse - me ainda que notou em certos capitulos extensões de-



maziada que ele, sendo o autor, reduziria um pouco.

Perguntei se se referia aos capitulos referentes á Guerra Peninsular que eu posso reduzir bastante; disse-me que sim, que era a esses que se referia, porque julga não haver provas das reacções de Saldanha perante o que viu e ouviu durante a campanha, e assim parecer excusada tanta largura de exposições. Dei-lhe razão e tanto que ha algum tempo posso eu concentrar toda a campanha em talvez metade do espaço que agora occupa.

Quanto ao resultado, isto é, ao parecer que a sub-comissão nomeada na Comissão de Hist. Militar terá de dar, informei-me de que, na proxima 6.<sup>a</sup> feira, 12 do corrente, os tres vogais escolhidos reunir-se-hão para redigir uma acta que conjugue a opinião de todos para ser entregue ao presidente general Teix.<sup>o</sup> Botelho. O caso, pois, deve estar prestes a resolver-se, se se não levantarem qualquer outro entrave que lhe pareça não ser natural.

No fim, o Gastão foi franco: por sua parte não tem devida em dizer que o tra-



balho é bom, é útil e merece ser pulverizado pelo Estado; dos outros dois nada sabe, tanto mais que desconfia que levantarão uma duvida com que ele, Gastão, aliás não concorda.

Essa duvida é a seguinte: o Saldanha foi notavel commandante só em guerras civis; a sua accção como chefe militar não se manifestou verdadeiramente em lutas com estrangeiros. Ora o regulamento da Commissão talvez se oponha á concessão de tal commandante; ele, Gastão, não sabe e lembra que ha já o exemplo da obra do Antonio Ferrão sobre o cerco do Porto em 1832-34 de que só se publicou ainda o 1.º volume.

Ora a maneira como o Gastão do Mato falou e referiu estas duvidas, ~~com~~ deu a impressão de que ha qualquer cabala nos seus vidros e de que se procuravam razões especificas para justificar a recusa do pulveridio. Assim será e não me admiro que assim seja. Ha gente para tudo.

Ao fazer menção de me despedir, o Gastão repetiu, com certa firmeza, que o meu trabalho era honesto, que estava bem feito, que abria novos pontos de vista na historia militar, etc. etc. E terminou por di-



zer que se « eu lhe desse a honra de o  
 "cumprir, gostaria de expôr os reparos que,  
 "durante a leitura fez e de que tomei no-  
 "tas. » Dize-lhe que sim, que um dia o pro-  
 curaria para isso.

Entfim, fiquei com a impressão de que  
 por ele, Gastão, não haverá qualquer devi-  
 da; tenho-o por homem sério e correcto;  
 porém, alguma coisa ha nos laodadores que  
 este não confessou e que deve partir dos ou-  
 tros dois — possivelmente. (quem sabe?)  
 influenciados pelo Faria de Moraes que pa-  
 rece apostado em me derrotar o Saldanha  
 sem dó nem piedade.

Chamáram-me o « Furioso », acu-  
 saram-me de « mão de ferro. » desta  
 vez, porém, parece que será vencido e  
 — o que é desagradavel — por verdadei-  
 ros piquetes.

Este mundo tem ás vezes estas varia-  
 ções — que dão muito que pensar.

Lisboa:

Março: 18

Vejo nos jornais que antem, em Coim-  
 bra, se festejou alegremente a promoção



a general do Buceta Martins que para lá foi ainda Arripadeiro. Como está agora em moda, houve oferta das estrelas em estojos ricos, discursatas, sessões de homenagem e grande estardalhaço na imprensa. Tudo para que o respeitável publico fique ciente de que ha verdade, unidade e harmonia na chamada Familia Militar e de que os commandantes honerificados são verdadeiramente dignos de todas as homenagens e ... de todos os presentes oferecidos em prata ou ouro.

O chefe do Est.<sup>o</sup> maior de quem creio que já aqui falei, fez o principal discurso no qual lembrou que Coimbra foi residencia da corte e « por mais de cem annos viveu e prosperou no convivio dos reis da primeira dinastia ... » e frizou que o acto da oferta das estrelas « simboliza a perfeita lealdade e subordinacao ao seu chefe » e coude bem « com os perpassinhos dos hericos antepassados da noble cidade consubstanciados em Martin de Freitas. »

E assim successivamente.

O Buceta agradeceu comovido e aceitou as estrelas. E o mundo continuou a rodar sem novidade de maior.



Lisboa:

Março: 21.

Assisti hoje, em S. Carlos, a representação da ópera Fausto de Gounod, em espectáculo de tarde a que o nosso actual nacionalismo chama « matiné cultural. »

Tinha grande interesse em ouvir a ópera que nos meus tempos teve ~~uma~~ muita vida e cuja música conheço quasi do começo ao fim. Lá fui e confesso que me comovi por vezes.

O quadro da valsa, excelentemente posto em cena, com os bailados admiráveis, fez-me o cuidado de me humedecer os olhos. Já não consigo ouvir ou ver o que me recorda tempos antigos sem me sensibilizar.

Coisas da velhice.

Que se ha-de fazer?

Quando adquire o bilhete, por mera curiosidade ou, se quizerem, por madureza...<sup>(1)</sup>

Mas a verdade é que não posso fugir a certas fragueiras. E quem ter isto, se alguém ter um dia tanto arrezado, não deve levar a mal.

---

<sup>(1)</sup> A pag. 281.



Lisboa:

Março: 24.

Ouvi ontem, à noite, no Instituto Fran-  
cês, a mulher do Miguel Torga, Andréa Crabi-  
lé Rocha, falar de Garrett como dramaturgo  
e homem de teatro.

Pronuncia correctamente o português e  
na conferencia, que foi lida, deu certas inter-  
pretações, talvez novas, ao teatro garretta-  
no. Gostei de a ouvir e fiquei com a im-  
pressão de que deve ser creatura muito inte-  
ligente.

Assisti á conferencia ao lado de Maria  
Lina Ferreira Lima que, sempre fiel ao gar-  
rettanismo paterno, não falta a qualquer ma-  
nifestação que lembre ou se relacione direc-  
tamente com o Poeta das Folhas caídas. E ao  
voltar para casa, vim comentando para co-  
migo o facto de uma estrangeira se ter apo-  
derado tão bem da ~~obra~~ obra de Garrett  
e ter feito interpretações que não foram ain-  
da feitas pelos nossos homens de letras.

E cheguei á conclusão que os diploma-  
dos lá de fora nem mais bem apetrecha-  
dos para esses trabalhos de critica interpreta-  
tiva do que os nossos rapazes que frequen-



taem essas tristes faculdades de Letras onde  
imperava o pesado Estado Novo.

Assim será.

Lisboa:

Março: 25.

Fui hoje visitar o meu condiscipulo  
e amigo Alberto Pais. Salia-o docente e  
per isso o fui ver; mas vim de lá amachu-  
cado. Ele, tão energico, tão desembaraçado,  
sempre com o animo rijo, está um quasi  
farrapo. Misérias da natureza humana.

A conversa, porém, foi larga e eu ti-  
ve a impressão de que aproveitou a mi-  
nha presença para desabafar.

E na verdade, desabafou...

Contou-me que, a seguir a um ataque  
cerebral, esteve uns dias entre a vida e a  
morte; quando teve consciencia do seu esta-  
do, notou que á sua volta havia ambiente  
clerical. As esposas e umas solteiras, ao  
verem-no naquele estado, sem quererem  
saber que fora sempre um livre-pens-  
dor e um anti-clerical, chamaram um  
padre e umas religiosas acólitas e puz-  
eram pelas paredes imperios de santos.



Este aparato ia - lhe fazendo mal ; teve assomos de indignação e quando se encontrava em estado de fazer declarações, redigiu uma espécie de testamento no qual consignava disposições para funeral. E isto contava - me com gestos sacudidos e indignados, que compensavam a lentidão da palavra, mais ou menos parçada em consequencia do insulto cerebral.

O cerebro trabalhava, contudo, ainda ~~um~~ muito regularmente ; pareceu - me o mesmo Alberto Pais de outros tempos, resolutivo, de conversação firme e precisa ; mas o fisico é que era outro e bem outro. Era um cerebro a trabalhar numa carcassa... Eu avia - o confundido e ele não parava, como quem queria desabafar, como se quizesse aproveitar a minha presença para confidencias que não faria a muitos.

Depois, quasi sem transição, disse - me apontando - me para um grande retrato do irmão Sidónio:

— Eu não sei que ideia Vossê tem de meu irmão e que impressões lhe deixou a politica que seguiu... Mas sempre lhe queiro contar o seguinte...



Contou-me, então, que o Sidonio, ao ser declarada a guerra com a Alemanha em 1917, estava, como é sabido, nosso ministro em Berlim. Conhecendo o caracter dos alemães, e com receio de algum atentado pelo caminho, no regresso a Portugal, escreveu em uma folha de papel de carta a declaração de que, se chegasse na viagem, queria que o corpo viesse para Lisboa, que o enterro fosse civil e logo que o forno crematório funcionasse o levassem á incineração.

Como chegou são e salvo a Lisboa, a declaração não teve efeito; no entretanto guardou-a e quando saiu de casa para a revolução de Dezembro desse mesmo anno acrescentou no mesmo papel uma especie de apostilla em que confirmava o que escrevera em Berlim e insistia pelo cumprimento da sua vontade. E para segurança, entregou-a a um irmão, official de marinha, cujo nome agora não me ocorre.

Ora aconteceu que, um anno depois, a seguir ao assassinio do Sidonio, perante a noticia de funerais espaventosos, o irmão possuidôr da declaração, dirigiu-se ao mi-



ministro do Interior, salvo erro, para reescrever o documento. O ministro leu, pensou um pouco e disse que se não deveria cumprir a vontade do morto; não ficaria bem que se fizesse um enterro civil a um chefe de Estado de mais a mais depois do reatamento de relações com Roma, etc. etc.

E o enterro fez-se com grande espendio e com todas as pompas religiosas. Tinha de ser assim.

O ministro creio que era, então, o magnífico Barbosa, ultimamente suspeito á actual situação politica e parece que justicadamente.

Mas o Alberto Pais, sempre animado ao contar a historia, não acabára. O tempo foi correndo e esqueceu o documento q. ficou nas mãos do irmão oficial de marinha; o mundo fartou-se de dar voltas e reviravoltas até que há pouco tempo o Governo resolveu fazer a trasladação do corpo do Sidonio da igreja dos Jeronimos onde estava em capella lateral, para a casa do capitulo, transformada em panteon... mixto ou seja casa de arrematação de grandes e pequenos.



Nesta altura, o Alberto Pais lembrou-se do tal documento. Perante o programma da trasladação essencialmente de caracter religioso elle tentaria opôr a vontade do morto. Foi a casa da viuva e filhas do irmão marinheiro; mas se sabia do papel se bem que elle desconfiava que estaria guardado e protegido. Insistiu... mas a nada se moveram. Apenas disseram que um filho do falecido official de marinha, medico em Laurencço Marques, poderia talvez, dar indicação do paradeiro...

E assim se fez a trasladação com pompa religiosa e, uá lá! pompa politica, certamente com lauzeres aos pseudos sentimentos religiosos do Sidonio e mais qualidades que elle não tinha...

E o Alberto Pais concluia:

— A morte do meu irmão marinheiro fez desaparecer a declaração. O meu polytrino medico está a caminho do contentamente, com seus mezes de licença. Espero-o com paciencia para averiguar bem o caso. E se o documento apparecer, como deve apparecer, tenciono fazer qualquer coisa no sentido de esclarecer a verdade,



isto é, de tirar da memoria de meu irmão Sidonio a modos de catolico e monarchico.

Observei-lhe que, nesta situação politica actual seria difficil e arriscada a demora; mas o Pais insistia que julgava do seu dever tentar a empresa e pensára já em varias formas de a realizar.

Oxalá o faça.

E assim se passaram cerca de duas horas de conversação, em que ele se animou e me pareceu bem disposto; e meio da visita entrou a esposa, mulher nova, bonita e simpatica com quem casei já bastante tarde — e eu fiquei então com a suspeita de que este casamento tardio teria alguma influencia nos meus ultimos males.

Podrá ver que não. O certo é que saí de casa do Alberto Pais amanchucado. O meu estado fisico deixau-me incomodado e as revelações acerca do irmão Sidonio tambem ajudáram. Foi uma tarde cheia de comoções.

Dei-lhe um abraço á despedida. Será o ultimo? Prometi voltar sempre que venha a Lisboa. E assim seja. Será o mal de que resiste ao mal e de que go-



derá pôr a claro a curioso caso do irmão Sidonio.

Esperêmos. O tempo se encarregará de tudo explicar.

Lisboa:

Março : 28.

Hoje, a Ana Maria, minha netá, deu um recital ás suas amigas e condiscipulas. Pianista precoce, tem, na verdade, talento musical.

É possível que ela venha a virar a família materna e que dê qualquer coisa de notável. Virará os pais, os avós, os tios e tias, os visavós, que sendo todos temperadamente artistas, nunca passaram da cêpa-tartá.

Lisboa.

Março : 29.

Hoje dediquei a tarde ao Augusto Carrimiro que affectuosamente insistiu ha dias para eu lhe apparecer em casa, para conversar e recordar.

Lá fui, a um 5.º andar da avenida de Julio Diriz. Recebido ruidosamente



á porta de entrada, fez-me sentar numa grande poltrona do meu quarto de trabalho, cheio de livros, quadros e curiosidades varias.

A conversa começou em, melhor: ele começou a falar, animadamente, acerca de varios assuntos, com a costumada impo-  
nencia dos seus tempos de rapaz. Eu ou-  
via, o mais atentamente possível, mas  
dificilmente fixei o desfiar da palestra por-  
que, para ser exacto, foi muito desconida ou,  
se quizerem, desarremada. Os sessenta  
e tal annos do Casimiro parece que o não  
modificáram muito: ainda o mesmo  
tom de exaltação, ainda um pouco do seu  
velho egotismo, e mesma ênfase de cer-  
tas afirmações quasi absolutas...

Então, o velho Augusto Casimiro, o  
sempre poeta Augusto Casimiro, vendo o  
mundo com optimismo, suportando com  
altivez as contrariedades e desgostos. Fe-  
rá um homem feliz? Quem sabe o que  
há por debaixo daquela apparencia paudavel  
e resistente?

É com a palestra vieram recordações  
de outros tempos; e ele lembrou com or-



gulto o facto de ter sido o presidente dum júri de conselho de guerra para julgar, em 1912 (salvo erro) revoltosos monarchicos, sendo ele o mais novo e mais moderno dos cinco officiaes que o constituíam.

É de assunto em assunto, caímos na literatura e então veio uma serie de juizos acerca dos nossos honmeus de letras que ~~o~~ o Casimiro appreciou não sei se com simpatia se com parcialidade.

Do Aguilino Ribeiro, fazendo aliás justiça ao seu merito de prosadôr, taxou de honmeu sem caracter — o que me parece possível. Do Ferreira de Castro disse que era honmeu sério, sem vaidades. E ao rir á beira o João Gaspar Simões contou-me, a rir, que o Aguilino, zangado com certas criticas que aquelle lhe faz, o alcunha de Gaspar maminhão, alusão, de certo, á ~~uma~~ ~~tendencia~~ tendencia que nele se nota para a obediencia.

Enfim, foram horas agradaveis que me merec<sup>o</sup> passaram rapidas. E vim de lá com a impressao do mesmo Augusto Casimiro, o mesmo poeta sonhadôr, fora tal vez das realidades.



Ha quem o acuse de certas acomodações com a actual situação politica; mas sei a esse respeito o que ha; o que sei é que o Barão, com todos os seus defeitos, tem ainda a qualidade de ser o mesmo Poeta, capaz de generosidades e que sempre inspira muita pazia por muito que se veja o homem de baixo dos entusiasmos do conhadôr.

Lisboa.

Marco: 31.

Fui hoje ouvir uma conferencia feita pelo Gastão de Melo de Matos na Socied.<sup>da</sup> Historica 1.<sup>o</sup> de Dezembro.

Nunca assistira a qualquer solemnidade nesta instituição patriótica e achei muito e muito curioso o ambiente. Os dirigentes parece que tornam o caso a serio e ~~acribado~~ notei a compenetração com que exercem os seus cargos. Serão sinceros? não vejo eles que, dadas as relações officiaes com a Espanha, hoje dominantes, a Sociedade não tem razão de existir?

Tudo aquilo me pareceu um tanto ou quanto ridiculo, valha a verdade. Mas, em fim, se ha sinceridade e boa vontade, per-



do-a-se, de boa-puernté o que se nota nos  
 ceptivel de troca, ou quando mecos, dum  
 sorriso de ironia.

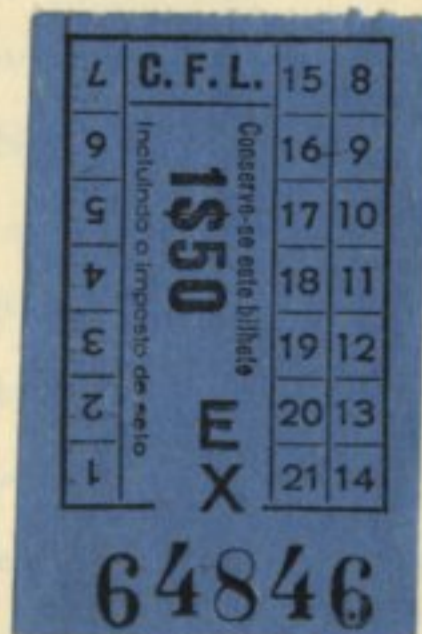
Quanto á conferencia, não poderei  
 dizer grande coisa porque o Gastal tem uma  
 voz bastante baixa; e o barulho da rua e  
 do proprio auditorio pouco ressegado, não  
 deixavam ouvir com nitidez. Pareceu-me  
 parecer que deve ser trabalho serio embora, no  
 meu entender, com pontos discutíveis. Es-  
 peremos pela publicação para avaliar me-  
 ther e com a atenção devida.

Pois sem penhores: a Sociedade Patrio-  
 tica 1.º de Dezembro vale muito dinheiro. E  
 ainda parece, com vantagem, para quem  
 não tem que fazer.

Lisboa.

Abril: 3:

Final, meu sempre  
 me posso queixar de má  
 parte... Ora aqui está  
 uma capricha para esten-  
 tar que o Diabo não está  
 sempre atrás da porta...





Lisboa.

Abril: 5

Fui hoje assistir ao « Festival Beethoven » no Bivoli em que o pianista Walter Gieseking tocou com a nossa Orquestra Sinfónica os concertos n.º 4 e 5 do grande compositor.

Não sei comentar. Apenas direi que saí subjugado. A musica de Beethoven impressiona-me e não é raro, ao ouvi-la, a commoção verdadeira invadir-me. Só direi, ainda, que ao sair e pensando nas ~~aguras~~ aguras da existencia e no que vai pelo mundo, se poderá dizer q. a vida tem, felizmente, momentos bons.

Serão raros — mas na verdade ainda os ha.

Lisboa.

Abril: 7.

Recebi hoje uma carta do Antonio Mesquita de Figueiredo, datada de Madrid e de passa temporada. O caso é banal e se o noto aqui é porque escreve sempre no sobrescrito, por baixo do meu nome, meu mais meu meus do que « Eminentemente his-



Foriador.» Esta classificação é invariável há muito tempo.

Poderia dar-lhe para piar e estou certo de que não escreve assim por trôça ou má fé. Mas dá-me na vista.

Um dia tenho que o ameaçar com um processo por difamação...

Coimbra.

Abril: 12

Morreu em Lisboa, ontem, o official de marinha Cesar Moura Braz. As nossas relações eram de ha poucos annos, da Revista Militar, onde muitas vezes o encontrava como meu amigo e condiscipulo da Politecnica do Pires Monteiro. Mas estimava-o muito e apreciava-o; era um homem de caracter, homem integro, intelligente e, de baixo de um aspecto rude ~~e seco~~ e seco, ~~o coração~~ era bom e affectuoso.

Foi companheiro e discipulo de Gago Coutinho; com elle trabalhou nas provincias ultramarinas em tarefas de geodesia; e ainda ha pouco foi o prefaciador e collector das obras do almirante sobre a arte de navegar que andavam dispersas.



Enfim, mais outro que desaparece do convívio reduzido q. mantenho ~~em~~ quer pessoalmente quer por cartas. É o deserto que se vai formando á roda.

Coimbra.

Abril: 14.

Tive hoje de ir consultar o Miguel Tor-  
ga por causa dos meus versos. Como  
sempre acontece, a consulta deriva para  
conversa amena e, para mim, proveitosa.

Desta vez falou-me ele do meu Cancio-  
neiro Popular de Mir. do Carro cujos pri-  
meiros capítulos ele lêra nas Terras do Mon-  
dego do Madail. E disse-me que ha pou-  
co uma senhora brasileira, diplomada, que  
por aí anda a estudar poesia popular por-  
tuguesa nas suas relações com a ~~arte~~ do  
Brasil, o interrogára acerca de cancionei-  
ros e ele informou-o de que eu tinha um  
de região próxima, etc. etc. Acrescentou q.  
não voltára a encontrar a dita senhora  
sobre a qual nada mais sabia.

Perguntei-lhe se ele se interessava  
por cancioneros populares. Disse-me q.  
sim, que se interessava muito — o que to



go me levou a dizer que lhe ofereceria o meu pobre trabalho relativo a Miranda do Corvo.

É oxalá possa ouvir - lhe qualquer apreciação, brevíssima que seja — já que não posso aspirar a uma apreciação por escrito.

Coimbra.

Abril: 19.

Fômos hoje, de automovel, a Figueira da Foz. Dia excelente, atmosfera limpa e, por consequencia, paisagens nitidas.

Já me custa passar por esses campos do Mondego. A cada curva, em cada perspectiva, eu sinto recordações — e essas recordações são, até certo ponto, dolorosas. E então apara, com o rememorecimento de todo o arvoredo, com a cênica que tudo se reveste... as evocações do passado são mais dolorosas ainda.

Coimbra:

Abril: 21.

Hoje fômos eu e o Cristiano mostrar a Sua Mãe, minha metá, a Quinta das Lagrimas e a Lagoa dos Estêveis.



A Ana Maria ouvia falar muitas  
 rézes nestes locais mas não os conhecia.  
 Lá fôrnos, com sol claro, sem nevoas no-  
 bre o rio.

A Fonte dos Amores é local agraçavel  
 mas que, para mim, não dá qualquer es-  
 pecie de commoção. Tudo aquillo é falso, ape-  
 nas um fio de tradiçãõs mantêm o interes-  
 se para os visitantes. Na Lapa dos Estêios,  
 parem, o caso é diferente; não só a bele-  
 za dos varios miradoiros mas tambem a  
 realidade impressionam-me. Ha muito  
 que ali não ia e, como antè-ontem nos  
 campos do Mondego, senti que me é um  
 tanto ou quanto doloroso rever pitões que au-  
 dau ligados á vida de rapaz cheio de rô-  
 mbos e fantasias.

E a tarde estava duma belleza excepçãõ  
 real; o ambiente cheio de promessas de re-  
 pouso; o rio, com agua clara, lá ia suave-  
 mente roçando os salgueirais; e o silen-  
 cio convidativo impressionava. Não sei  
 se senti os olhos marejados de agua; o q.  
 sei é que perante tanta alegria da Nature-  
 za, eu me deixei repassar de tristeza e de  
 desânimo.



Coimbra:

Abril: 23.

Ha dias recebi carta do Pires Monteiro que me fala do meu « caso Saldanha » e do general Teixeira Botelho a-proposito da visita de boas-festas que lhe fez.

Diz elle : « Pouco me demorei. Falsen-  
 " me da reunião da Commissão de Historia  
 " Militar na proxima 3.<sup>a</sup> feira. » Na ordem do  
 " dia está inscrito o relatório sobre o meu  
 " Saldanha. Nada perguntei. Estavam su-  
 " tras pessoas. Nada me disse mas não me  
 " pareceu contente. Deduzo que na commissão  
 " especial ha votos divergentes. O general,  
 " excelente pessoa, espirito liberal, não lhe  
 " agradam as discussões e deixa-as correr  
 " um pouco a esmo. Tenho grande apreço  
 " pela sua intelligencia lucida (em 9 do 6.<sup>o</sup>  
 " prox.<sup>o</sup> completa 90 annos) e pelo seu caracter  
 " mas não é, jamais foi, um combativo. Se  
 " o caso de Melo estiver resolvido a bater-  
 " se e arrostar a meaderia, é caso seguro.  
 " Mas do lado contrario estará o simpatico  
 " Faria de Moraes e, pelo meu, um da co.

---

(1) dia 20 de abril.



"missão. Enfim, oxalá o caso se resolva."  
 Este «um do comissão» deve ser o Carua-  
 lho Meureses, membro da dita Comissão  
 de Historia não sei por que letras.

Ora hoje voua carta do incausavel Pi-  
 res Monteiro em que me diz: «Tive co-  
 "nhecimento de que a Comissão de Historia  
 "Militar adiou a votação do seu Saldanha.  
 "O Presidente assim procedeu por não ter  
 "seu comparecido vogais cujas opiniões  
 "muito couvinha ouvir, etc.»

E assim se vai demorando a solu-  
 ção do caso que, francamente, já começa  
 a cheirar mal.

Como compensação para estas misé-  
 rias de vida, encontrarei hoje o Miguel Tava  
 que, animadamente, me agradeceu o Can-  
 cioneiro Popular de M.<sup>da</sup> do Corvo que ha-  
 dias lhe fui entregar. Disse-me que já o le-  
 ra e relara com agrado; que gostara muito  
 pelo método e espirito compreensivo revela-  
 do e que, no meio de muita quadra banal,  
 encontrara algumas de rara beleza e que  
 lhe deram a impressão da poesia modernis-  
 ta, um tanto ou quanto de tendência sur-



realista — como, por ex.<sup>o</sup>, na quadra que termina: « Não viste o nascer do sol / De uma rosinha encarnada... » [Ver Cancioneiro, quadra 344, a pag. 80].

Estes poetas! estes poetas!...

Mas, enfim, foi uma compensação para a perca do meu "Saldanha."

Coimbra:

Abril: 26.

O dr. Manuel Lopes de Almeida, professor de Letras e director da Bibliotheca da Universidade, quando, por carta, me agradeceu o opusculo dos Cinquenta annos depois ofereceu-me o seu Boletim para a publicação dos meus Batallhões Academicos.

Hoje cathou ir á Bibliotheca agradecer a oferta e dizer ao Lopes de Almeida que as conferencias, tal como as li ha uns 30 annos, não seriam publicadas agora porque contem affirmações talvez fortes de mais para o tempo actual; e que, como de então para cá me appareceram muitos novos elementos, seria preferivel uma refundição do trabalho que sairia bastante augmentado e melhorado.



Ele concordou e disse - me que fizesse  
se como entendesse.

- V.: Tem carta branca. Resolva co-  
mo quizer. O Boletim está ás suas ordens.

Vou, pois, pensar no caso. Mas... sim-  
to-me já cansado e perante empresa tão  
simples parece-me que vou ter trabalho  
de Hércules.

Vamos a ver.

Coimbra.

Mais: 6.

Ha dias, quando fui á Biblioteca da  
Universidade agradecer ao M.<sup>al</sup> Lopes de Al-  
meida a oferta da publicação dos Batalhões  
Academicos, entreguei-lhe tres comedias  
do Ant.<sup>o</sup> Xavier de Almeida, manuscritas e  
reunidas em volume cartonado, para depo-  
sito na sala dos manuscritos.

Aquellas comedias não me serviram pa-  
ra nada e ali sempre podem ser estudadas  
e vistas por quem se interesse pelo assunto.  
E não pensei mais no assunto.

Ora hoje recebo um cartão de Pires Mon-  
teiro com um recorte d' O Comercio do Porto  
em que se dá noticia da oferta - como se



fosse successo digno da publicidade. E para cumulo, o amigo Pires Monteiro acrescenta: « Parecia-me que a Comissão de Honras Militar deveria conhecer a valiosa  
"dadia. Como? Só o meu Am. saberá o  
"caminho mais seguro.» E ainda se propõe sugerir aos amigos que têm na República e no Diário de Lisboa dar mais relevo á noticia do oferecimento.

O Pires Monteiro não tem, pelos vistos, o sentimento das proporções. Vou-lhe escrever, caladamente, para pôr as coisas nos seus devidos termos.

E, afinal, o caso tem certa graça.

Coimbra.

Maio: 7.

De Valença do Minho, onde não voltei desde 1908, lembrou-me de mim. Eu é que nunca esqueci essa excelente terra onde passei, descuidadamente, quasi um ano.

Apareceu-me, pelo correio, ha dias, uma circular a pedir auxilio e colaboração para um jornal que se ia publicar e cujo primeiro numero me chegou hoje. É director o amigo professor Alberico de Al.



meida Gomes, com o qual me dei durante a m.<sup>a</sup> estada em Valença e não se apresentá nada real.

Este novo contacto com a bela vila fronteira fez-me recordar os meses que por lá andei; e de recordação em recordação acabei por entristecer.

Quereu colaboração. É possível que né releuscar os cadernos de memórias e que de lá tire alguma coisa. Pequenos quadros de paisagem minhoto ou das romarias a que assisti; episódios de ha quasi meio século que mereceram anotação. Vamos a ver se sou capaz de desenterrar paudades...

### Crimbra:

Mais: 8.

A imprensa continua a badalar a ofenda das comedias do Arcebispo á Biblioteca da Universidade. É o mais curioso é que dá ao acto um aspecto de solemnidade.

Quereu teris a ideia?

Por curiosidade deixo no fim do volume os recortes q. apauhei. <sup>(1)</sup>

---

<sup>(1)</sup> A pag. 281.



Coimbra.

Maio : 14

Fui hoje cumprimentar o Excmo. Pe-  
stana, novo governador civil de Coimbra. O  
actô, em si, está fóra dos meus hábitos e  
dos principios; mas conheço o Pestana des-  
de rapazinho e não desgosto dele. É crea-  
tura séria, boa pessoa, bem educado. Ten-  
fim, sendo de lado certos melindres, lá fui.

Encontrei um outro Pestana. O seu  
natural alegre, folgazão, despreocupado, des-  
appareceu; encontrei-o desarrimado, abal-  
tido, sem qualquer vislumbre da antiga  
boa disposição. O tom desalentado da fala  
revelou-me a consciencia da sua incapaci-  
dade para o cargo.

É deve ser isso. É como tem confiança  
comigo desabafou alguma coisa...

Pobre Excmo. Pestana!... Contou-me  
que o Alvauchés Pinto, ministro do exerci-  
to, neto amigo e contemporaneo, é que o  
entálara para o cargo, de combinação com  
os deputados Santos Bessa e Moura Rebel-  
mas; que tão instado foi que não teve ou-  
tro remedio senão aceitar, mas a tão pou-  
co tempo de exercicio do cargo reconhecia



que não tinha jeito para ele... E entrou em considerações a respeito da mentalidade militar que ~~é~~ é oposta á mentalidade do político. E levou a explicação ao ponto de me dizer que, entre os militares, são os artilheiros os menos próprios para tais cargos, pois a sua mentalidade se forma no hábito de problemas mais simples ~~que~~ que os dados ás outras armas.

Desabafou bastante. E teve seus dolo... Levado para ali pelos políticos, provavelmente para o manoterárem á vontade, não viram os cavalheiros que praticavam uma má acção. Poderiam ter empurrado outro seu exemplar — e deixarem este em paz, com o seu bom humor e a educação de uma ranchada de filhos.

Lá me disse umas amabilidades consolatórias e saí acompanhado até ao corredor pelo substituto, o advogado Martin Afonso de Castro, que embora amigo íntimo não deverá ser grande conselheiro. Este entrara na ocasião e quiz ser amável para comigo.

Na verdade o Martin Afonso não será o substituto ideal para creature simples



e bem intencionada como é o Ernesto Res-  
 saia; o Marfim Afonso tem a sabedoria do  
 advogado e é melhaco e segundo corre não  
 é de grandes escrúpulos pessoais.

Diz-se, até, com insistência que, quan-  
 do prestou o juramento na posse do cargo,  
 omitira na expressão «manter a Constitui-  
 ção da República» as duas ultimas pala-  
 vras. É possível. É possível para isso.

Sai, confesso, com certa pena do resta-  
 na que, naturalmente, não aquecerá mui-  
 to o lugar.

Enfiei no gabinete do secretario geral,  
 Costa Rodrigues, por méria curiosidade.  
 Estava a tratar um caso da filarmónica de  
 Gois com o dr. Alberto Baeta da Veiga — ca-  
 so que para Gois deverá assumir propor-  
 ções, dado o interesse revelado por este e  
 por um outro individuo que o acompanhava.  
 Mas o que me deu no gôto foi a ma-  
 neira de falar do Costa Rodrigues, que com  
 o medico Baeta da Veiga que nos apartes  
 comigo, sempre excitado, com apparencia  
 de incoherente no que dizia a uns e outros,  
 obsecado por desconfianças á sua volta —  
 enfim com tais modos e tal barafunda



de frases e ápartes que eu cheguei a pensar que aquelle carcereiro estaria desarranjado - ou, pelo menos, perturbado.

Agora ha tanto disso!

Sai do Gov. Civil com todas estas impressões minhas: a simplicid. do Pestana por ineluctavelmente manobrada pelos politicos; a melancolia e rabelice do Marlim Afonso de Castro a tramar na porteira; e a perturbação mental do Costa Rodrigues.

Qualquer delas desagradavel.

Os jornais dão a noticia de que em Fátima, na noite de 12 para 13, estiveram cerca de 500:000 pessoas.

Não será gente a mais? E como é q. se calcula a multidão de cinco centenas de milhar? Não duvido que o ajuntamento fosse grande; sabe-se bem como as coisas correm nestas terras portuguezas. Mas os 500:000 fizeis...

Enfim. Pode ser verdade. E antes reje. Prova-se a fidelid. da Nação á sua desmelhada protectora...

Adieu.



Coinhura.

Mais : 17.

Ontem á noite, o aparelho da radio deu a noticia da morte do Alberto da Silva Pais.

Deu-se o que era fatal. E lá vai mais um — e dos bons.

Hoje, os judeus trazem o caivite para o enterro que é católico. A familia não respeitou a vontade do morto — a mãe por q. nos ultimos momentos, seu acordo; se simulasse uma conversão.

São capazes de tudo.

A morte do Pais não foi surpresa para mim. Mas impressionou-me. Lá se vai mais um da mesma guarda e mais um amigo fiel.

E com ele desaparece a possibilidade de se fazer luz acerca das creanças religiosas de Sidonio Pais e de se restabelecer a verdade a respeito do seu funeral, etc. A familia ou guarda bem guardo? o celebre testameu-  
to ou o destruirá já que desapareceu quem poderia querer fazer uso dele.

E a Histeria continuará a trabalhar em falso neste espidulo q. não será tão ino-  
gnificante como parece.



Coimbra:

Mais: 20.

O Dr. Joaquim de Carvalho em liete hoje recebido no qual me agradece o offerecimento dos Cinquenta annos depois, oferece as paginas da Revista da Universidade para o meu estudo sobre o Saldanha.

Confesso que gostei da oferta; o Dr. Carvalho viu na bibliografia a indicação e de certo calcula que o trabalho é pouco extenso. Terei que ir falar com elle.

Mas a verdade é que a oferta é cativante e a realizar-se seria uma excellente oferta da aos meus illustres camaradas.

Coimbra:

Mais: 23.

Fui hoje a casa do Dr. Joaquim de Carvalho não para agradecer o offerecimento das pagas da Revista da Universidade como para o felicitar por ter recebido, ha pouco, em Saldanha, o grau de deuter honoris causa.

Acerca do meu trabalho sobre o Saldanha, elle assustou-se com o tamanho e ainda com a despesa das gravuras e litografias necessarias; lembrou que poderia ser pu-



glicado em dois volumes seguidos, embora não simpatizasse com esse processo. Discutiu-se o caso e ficou para em Outubro prox.<sup>o</sup> se resolver desde que o Estado-maior me recuse o pedido.

Fiquei com a impressão de que terei de pôr de parte esta hipótese. Mais uma esperança que se esvai « qual fumo de alface. » mas... » como disse não sei que poeta.

Paciência. Assim acausar have sempre o Saldaña.

Ora na conversa, o dr. Carvalho contou-me o caso curioso ligado com o seu doutoramento em Salamanca.

A universidade espanhola propoz para o dr. Carvalho o grão honorário e, naturalmente, fez as participações protocolares; deu-se porém o caso que a cerimonia cairia com a celebração do centenário da fundação da universidade e para os festejos fôra convidado o reitor de Coimbra como representante da velha instituição portuguesa.

Mas o Maximino Cerreia não gostou de o grão honorífico ser dado só ao professor Joaquim de Carvalho e ele, reitor, ficar apenas como assistente á cerimonia. Deu mais a



mais, tratava-se dum professor que tã-  
to suspeito de quem ele, Maximino, tinha  
certos ciúmes pela sua reputação interna-  
cional. O certo é que expôz o caso o minist-  
tro; este, concordou logo e fez qualquer  
deliberação junto do embaixador espanhol  
em Lisboa; desta deliberação veio convite  
ao Maximino para receber o grau...

E aqui está como Salamanca confe-  
riu dois graus de doutor honoris causa:  
um, voluntário, como reconhecimento de um  
lar; outro, forçado, por inveja ou ciúme  
mesquinho...

E pronto.

### Coimbra.

Mais : 24

Ontem no diário República de Lisboa  
vinha uma local curiosa que deixo aqui a  
guirada <sup>(1)</sup> mas sem comentários. Não sei  
do que se trata; como parece deve ser  
questão de família, não me meterei onde  
não sou chamado.

Arquivo — e já não é pouco...

---

<sup>(1)</sup> A pag. 282.



Coimbra:

Maio: 27.

Hoje, quinta-feira da Ascensão, dia da espiga segundo as boas tradições, resolvi-me a ir consultar o medico Mario Trincão, professor de medicina na Universidade.

Encontrei-o um tanto ou quanto zangado porque vinha da secretaria universitária onde necessitava tratar de qualquer assunto e encontrou-a fechada; e a razão do encerram.<sup>to</sup> foi o reitor, Maximino Correia, ter dado feriado geral para atender á solemnidade do dia...

— Veja o coronel como isto anda! dizia-me o medico.

— Foi para não magoar o sentimento católico dos portugueses, respondi eu.

E ficámos por aqui.

Seguiu-se a consulta. Andava desconfiado, há um tempo, com o motor central; diz ele, medico, que não há, para a idade, nada de anormal e receitou uma droga e aconselhou-me a não correr a fogueletos. Será assim?

Correr a fogueletos já não corro; vou-me contentando com o passo cadenciado



e vagaroso; mas o que me preoccupa é o que para aí tenho incompleto e que desejaria acabar.

Chefim. Irei tomar a droga para combater a esclerose e ... vamos andando.

### Cosmura:

Mais: 28.

Dizem os jornais que sempre vai ser instalado na Torre de Alameda um museu de etnografia no qual ficará em exposição o cofre de ferro com os cabelos de Trés de Castro, legado pelo Lopes Vieira ao Museu de Machado de Castro.

A respeito dos cabelos da « misera e mesquinha » voltarei a escrever um dia e a tratar a serio do assunto; hoje a nota relativa á Torre de Alameda fica apenas para lembrar que sempre se consegue destruir a possibilidade de a Escola Livre das Artes do Desenho se re-instalar na sua verdadeira séde e de se perpetuar a memoria de Antonio Augusto Gonçalves seu fundador.

As coisas são o que são. O nome do velho Gonçalves é execrado e a Reacção



(com a devida maiúscula) sabe muito bem o que faz e não costuma perder o seu tempo.

Ainda terei que me ocupar do assunto mais de espaço.

### Lisboa.

Junho : 1.

De novo em Lisboa... Não há maneira de me fixar. E assim vai passando a vida sem eu fazer, com ~~um~~ pressêgo que de sejava fazer.

Mas enfim... há uma ou outra compensação. Hoje ~~me~~ fui ouvir o pianista Segueira Costa que deu recital com quatro sonatas de Beethoven. Parece-me que iremos ter um novo e grande pianista.

Outra compensação: a Ana Maria, minha netá, mostrou-me o trabalho dum exercício de redacção que lhe mandáram fazer no Liceu. Achei curioso e por assim achar para aqui o traslado: o tema dado era um passeio que tivesse realizado há pouco; e como se lembrasse dum passeio a Montemor-o-Velho, escreveu o que se segue:



« Estava um dia maravilhoso! O sol  
 "brilhava e os seus raios reflectiam-se nas  
 "águas calmas do Mondego.

« Os passarinhos cantavam ao longo  
 "das margens do rio.

« Fomos todos dar um passeio ao cas-  
 "telo de Monte-mér.

« As rãs coachavam nos terrenos hu-  
 "midos e cheios de arrozais. Grandes grupos  
 "de raparigas passavam cantando as melo-  
 "dias próprias daquelas terras teirões.

« De nôr em grande algumas carro-  
 "ças, puchadas a bois" iam com homens e  
 "mulheres para a feira que havia proxima,

« Era a hora de festa!

« Montemor mantinha as suas velhas  
 "tradições. »

Não se pôde negar que ha nisturnbre  
 de poder evocativo e descriptivo. Com dose  
 avos talvez se não deve exipir perfeição de  
 forma. Enfim... aqui fica arquivada a ju-  
 ra; se quizerem lançar o caso para a la-  
 méchisse do avô.

---

(1) Lapsso evidente.



Lisboa:

Junho: 3

Hoje, na Revista Militar tive larga palestra com o Pires Monteiro e uma parte da palestra versou sobre o meu pobre trabalho do Saldanha.

Contou-me ele que o coronel Carvalho Meneses, ha dias, logo a seguir á reunião da Comissão de Hist.<sup>o</sup> Militar foi a Revista e mostrou-se muito aborrecido; como o Pires Mont.<sup>o</sup> não mostrasse interesse pelo aborrecimento, ele resolveu explica-lo e disse que nessa reunião se decidira definitivamente o caso do meu trabalho e que a decisão fôra tomada por maioria a qual « como é de regra » venceu.

A decisão foi desfavoravel ao meu trabalho e isso aborrecera-o; mas tambem a verdade é que a obra não estava á altura das minhas tradições de historiador; por toda a obra notava-se que eu decaire visivelmente, que já não era o mesmo. E assim o Carvalho Meneses, ao tempo da explicação, quiz mostrar o seu pesar pela minha decadencia que lhe ia desculpar o voto contrario que dera — pois, dizia ainda, como



derava - me muito e apreciava sempre os meus trabalhos.

No entretanto, o Pires Monteiro quiz ver na larga explicação apresentada certa influencia do Faria de Morais; o Carvalho de Menezes é um jobre diabo, seu caracter accentuado, facilmente dominavel e é natural que o outro deixasse sempre da sua má vontade em barro tão macio.

Mas ha mais ainda.

O Pires Monteiro, dias depois desta converssa com o Menezes, falou com o general Teixeira Botelho; durante a converssa este alludiu ao caso Saldanha e mostrou-se desgostoso com o resultado da reunião da Commissão de Historia Militar em que se decidiu a informação desfavoravel ao suberidio. E teve ainda a confidencia seguinte q. rogeu não repetisse: que os biographos tem sempre tendencia para exaltar demais os biographados, tendencia que me levou ao exagero de comparar Saldanha a Napoleão o que, no seu entender, não era proprio de um historiador serio. Fez ainda considerações acerca do seu dever de presidente imparcial e tabirnou o resultado, de mo



do mago, um tanto ou quanto desinteressado, embora tivesse uma ou outra boa referência a meu respeito.

Agora aqui devo deixar esclarecidos dois pontos para o futuro: primeiro: o meu trabalho sobre o marechal Saldanha não é uma biografia; muito tempo disso e só me admiro que o historiador e académico Teix.<sup>o</sup> Botelho não o visse logo de entrada; — segundo: em passo algum da obra eu comparei Saldanha a Napoleão; apesar de decadente seguindo o Carv.<sup>o</sup> Menezes, quero crer que não seria capaz de tal afirmação, e novam.<sup>te</sup> me admiro que o académico e historiador Teixeira Botelho tivesse uma coisa que não está escrita.

Ou o general Teix.<sup>o</sup> Botelho não leu o Marraço, o que é natural e curou por má informação; ou o leu ligeiram.<sup>te</sup> e os poucos momentos aos que no prox.<sup>o</sup> dia me re- completamente lhe deram noção errada da leitura. A verd.<sup>de</sup> porém é que nem eu escrevi uma biografia nem comparei o vencedor de Alamostr ao vencedor de Jêna. O general foi infeliz na confiança e, mais exactamente, não foi verdadeiro.



Coisas da vida. O general Teixeira Botelho foi sempre assim: um cauteloso, incapaz de tomar resoluções quando fosse haver qualquer especie de luta; e como presidente quer da Revista quer da Comissão de Historia manteve-se sempre fóra das discussões, sem orientar, esperando a decisão da maioria segundo as boas regras.

Acabou-se. O Saldanha está cediendo e quero crer que por se tratar do Saldanha, melho liberal e racão, e por se tratar tambem do autor da obra. A aliança dos dois nomes, na quadra que atravessâmos, é sufficientemente suspeita.

É já agora outro assunto:

No final da conversação estrou na sala de Revista onde conversávamos o official na reserva Mario Costa, hoje alto funcionario da Companhia dos Diamantes de Aypolo que meim é metropolitano em serviço da companhia e quiz visitar o Pires Monteiro, seu antigo professor e amigo.

Sáímos a certa altura e fomos aban-  
car numa casa de chá onde a conversação  
continuu acerca de variados assuntos.



Não sei já a que propósito, veio a falar-se do Luis Reis Santos, hoje Director do Museu de Machado de Castro, em Coimbra. O Mario Costa conheceu-o em Laurencos Marques, ha muitos annos; vivia com difficuldades, era auxilliado de annuncios e lançava mão de qualquer outro meio de vida. Nas horas vagas, com o seu feitiço brésimio, imitava baillados plasticos com rara habilidade; e nos jogos de amadores dramaticos era o bailarino sempre escolhido. O seu temperamento levava-o para varias manifestações de actividade; mas, segundo o Mario Costa, aquella em que mais se afirmava era a dos baillados plasticos, ao tempo m.<sup>o</sup> em voga.

Aqui fica mais um elemento biografico do Luis dos Reis Santos: bailarino...

### Lioba:

Junho: 8.

Depois da conversação com o Pires Monteiro em 3 do corrente e que a traz ficou resumida, resolvi ir procurar o ajudante do Barão Rodrigues, o capitão Eduardo Barbosa de Aleren, e pedir-lhe que conseguisse acabar com a pendencia. Lá fui ao Estado-maior



e lá pedi ao rapaz, que me recebesse muito amavelmente, que me libertasse do quasi pesadelo.

De facto o rapaz informou-me e hoje pelo telefone participou, com timidez e delicadeza, que as informações solicitadas pelo general não eram de molde a dar-se um despacho favoravel.

Fiquei ciente. O caso está resolvido.

Lisboa:

Junho: 12

Fui assistir á sessão de homenagem, no Museu de João de Deus, á memoria do fundador, o João de Deus Barros, falecido ha pouco. Ambiente agradável, artistico, cheio de boas evocações. Assistencia selecta, com grande dominio de pensadoras e artistas.

Presidiu, enquanto não chegou o embaixador Olegario Mariano, o indispensavel Jaime Lopes Dias que hoje parece ser já para toda a obra.

A sessão foi fraca. Um discurso pueril do João de Barros, coitado, a bracos com um cancro na laringe; umas palavras jornalisticas lidas do Aguilino Ribeiro que



me pareceu envelhecido; e uma especie de discurso-relatório do advogado Barros Sueiroz aliás feito com certa elevação — foram a base da sessão comemorativa. Houve também recitações de poesias pelo Alberto Macedo Papança, pretencioso e ôco; por um individuo de certa idade q. não sei quem é e por um senhor que também não sei quem era — e eis tudo. No final, o Olegario Mariano que chepan a meio, encerrou com um jejue no discurso, solido, correcto, perfeito no ponto de vista da forma e perfeitamente apropriado ao acto.

Na assistencia notei o predomínio de artistas e homens de letras. Vi com certo espanto o monagenario dr. João Barreira com a apparencia de homem dos seus 60 annos; e vi com grande mágoa o meu contemporaneo da questão academica de 1907, o João Evangelista Campos Lima, com aspecto dum decrepito monagenario: curvado, magro, arriçado a uma beypala, cheio de rugas, perfeitamente um invalido.

Ver-me impressad o encontro. Não via o Campos Lima ha, seguramente, uns quarenta annos; e agora não o reconheci, tão de



crepito finicamente o vi. Caudado, o olhar é  
ainda o mesmo olhar vivo de outros tem-  
pos; e a cabeleira, já branca e rala, ainda  
tem um pouco os restos da rebeldia...

De toda a pessoa foi para mim a nota  
concedora este encontro com o Campos Li-  
ma — a anarquista Campos Lima, cerebro  
ainda vivo num corpo angustiado. O res-  
to que vi e ouvi teve, na verd.<sup>a</sup>, algum in-  
teresse mas em parte pareceu — me que  
soava a falso...

### Lista:

Junho: 15.

Ontem, no chamado Pavilhão dos Des-  
portos, fui ouvir tocadas pela Orquestra  
Sinfonica Nacional a 1.<sup>a</sup> e a 9.<sup>a</sup> sinfonias  
de Beethoven. Grande acontecimento, sem  
dúvida — mas uma profanação.

A 9.<sup>a</sup> sinfonia, com cairos, tocada numa  
quasi graça de cairos — é coisa invero-  
símil. E com a agravante de a execução me  
parecer perfeita. Traucam.<sup>te</sup> mas é em  
traucadas de madeira, a sentir os joelhos do  
ouvinte de traz e a ter de acomodar as per-  
nas para o ouvinte ou a ouvinte da fren-



te e a receber uma corrente de ar frio na cabeça que se pode sentir, com atenção, a 9.<sup>a</sup> sinfonia.

Já há anos a ouvir, no museu Pavilhão, por uma orquestra espanhola; mas desta vez pareceu-me melhor, apesar da pior instalação.

Enfim! continuo a dizer: mesma cidade como Lisboa, com tantas basofias de capital do Império, invejada pelas outras capitais, etc. etc. é uma vergonha ouvir-se Beethoven num barracão para foot-ball.

Hoje, de manhã, fui ao Barreiro. A manhã estava muito serena; por todo o estuário corria uma jacatex de atmosfera que possejava o espírito; e a água, muito quieta, sem ondulações, fazia lembrar o tal semi-cupio ruído de que falava o Fialho de Almeida.

Quer para lá quer para cá, a mesma serenidade, o mesmo cenário quieto, sem grandes relevos, a cuidar é meditação e ao bom humor. Foi uma manhã agradável que, afinal, me fez bem.

E são tão poucas!



Lisboa:

Junho: 17

Na ultima 5<sup>a</sup> feira, dia 10, consagrada a Carnões, passei toda a tarde no Tamariz, no Estoril, sentado comodamente numa cadeira do terraço sobre o mar — calmo, sem crispacões á superficie, como lago tranquillo e recatado. Foi uma bela tarde que fez esquecer misérias.

Hoje, outra tarde, embora passada diferentemente. Fui ao Monte de Caparica e depois dum descanso em casa de avós, fui, pela primeira vez, á praia de Caparica, a que a furia de reclamo turistico chama a Praia da Claridade e depois aos Capuchos.

A praia é grande, extensa, na verdade; mas falta-lhe, talvez, um cenário mais proximo que compare com a largura do areal, que se perde para sul sem qualquer relevo. A povoação, moderna, tem excellentes habitações, de mistura com banalidades; arrematamentos rectilíneos que de futuro darão um monotonia. Mas nada que prejudica a estacão.

Nos Capuchos, porém, o caso é diferente. O velho convento, em ruinas, está transformado num bello edificio que dizem se desti-



na a pensar não sei de quê. A volta aje-  
dinamente em varios pontos e no ponto mais  
alto do terreno uma varanda - miradouro  
que é, realmente, um achado.

Dali se domina em frente a vastissi-  
ma praia; a foz do Tejo marcada pela rode-  
la da Torre do Bugio; o casario do Estoril e  
Cascais encostadas ao recorte da Serra de  
Sintra e para sul, por de cima do cabo Es-  
pichel, a costa baixa e arenosa que, dizem,  
se avista em dias limpos até Sines.

É na verdade um ponto de vista admi-  
ravel; ali estive um pouco esquecido do res-  
to do mundo e pensando que os casolitas  
que elegeram o local teriam interesses espec-  
ficos escondidos nos desejos de isolamento.  
Queem sabe!... Com um pensamento daque-  
les, os pensamentos não iriam somente  
para a mansão celeste.

Enfim, quasi concluí que esses casoli-  
tas de S.<sup>to</sup> António seriam homens felizes...  
Bons ares, as flores á volta, e tão bello e  
variado panorama... que diabo queriam  
eles mais? Não peria isso tudo já o céu a  
que aspiravam?



Lisboa.

Junho: 18

Estive hoje na Livraria Camões, do alfarrabista Julio Guimaraes. Falámos de varias coisas e não sei a que proposito veio á balha o illustre Madail. Achei curioso que o Guimaraes ao aparecer o nome do Madail teve um gesto de repulsa e confessou-me de que o irritava tal creatura que ele considerava esse individuo « perdido » e « nojento. »

Quiz deitar um pouco agua na fervura mas o Guimaraes insistiu com modos um tanto bruscos que não estão nos seus habitos de livreiro amavel e correcto:

— Bereia, sr. Car.<sup>o</sup>: aquilo é um individuo nojento, asqueroso...

Não insisti. E aqui fica mais este elemento biografico do actual director da Bibliotheca Publica de Braga.

Lisboa.

Junho: 19.

Hoje, mais uma tarde boa na vida...  
Fui a S. Carlos ouvir as Estações de Haydn Tocadas pela Orquestra Sinfonica de Lisboa



dirigida pelo Tvo Cruz com acompanhamento<sup>to</sup>  
de céros da Socied.<sup>e</sup> Coral de Duarte Lobo.

Não sou crítico nem técnico; não posso  
jáis afirmar se a execução foi perfeita; o que  
sei é que todo o conjunto me impressionou.  
É uma boa acção, esta de apresentar tais obras  
ao publico por preços mu.<sup>to</sup> accessiveis. É boa  
musica e quero crer que a execução corres-  
pondeu. Bem haja o Tvo Cruz!

Mais uma tarde agradável — nesta vi-  
da que poucas tardes tem agradáveis.

### Listas:

Junho: 23.

Hoje, segundo a velha costumeira, hou-  
ve reunião na Revista Militar. É quasi in-  
falível o Vitorino Guimarães; e costuma apa-  
recer o Ernesto Pope, ~~como~~ sempre irritado e  
intolerante; bem como o Paul Esteve com  
toda a sua ronha amavel não deixa de dar  
um pouco de cavaco. Ha mais concorrentes  
é palestra como o general Julio de Oliveira,  
de Cavalaria, o coronel Silveira Lemos, um  
dos administradores da Revista, o almiran-  
te ou capitão de mar e guerra Vitor Hugo de Aze-  
vedo Coutinho, e outros mais que não são



tão assíduos. É isto sem contar, e' claro, com o Pires Monteiro que é, por assim dizer, o dono da casa.

Palavra por palavra, a verdade é que ali se debatem opiniões e se contam casos curiosos que mereceriam anotação se a memória retivesse tudo.

Hoje, porém, só duas notas que me ficaram na lembrança.

O Raul Esteves contou que, há cerca de 25 anos, quando o Salazar se propunha presidente do ministério, o Carmona que parece não via essa tendência com bons olhos, consultou muita gente especialmente militar. Entre os consultados estava o Raul Esteves, ao tempo com certa preponderância no exercito.

O Carmona ouviu, da maior parte dos consultados, recusa formal á subida do Salazar á presidencia; e por essa razão conseguiu que o Esteves fosse recebido pelo Salazar para este ouvir a sua opinião que reflectia a opinião da maioria do exercito. O encontro deu-se e o Esteves expoz largamente as razões porque entendia que Sua Excelencia deveria apenas manter-se na pasta das Finanças



e não ocupar o posto de presidente do Governo. O Salazar ouviu toda a exposição atenciosamente mas calado. No final, quando o Estêves terminou disse, apenas, com a sua conhecida voz meliflua:

— Muito bem... Mas essa é a opinião de V<sup>ce</sup>. E, francamente, não é a minha...

O Estêves que não esperava por tal conclusão, levantou-se e disse:

— Pois então passe V<sup>ce</sup>. muito bem.

E saiu.

É claro que contou isto como ele contou. A verdade do episódio fica por conta dele. No entretanto quero crer que mais ou menos as coisas se passariam assim. A diferença não deve ser grande.

É, verdade verdade, não era o Paul Estêves, mesmo com toda a sua rônha, que ia convencer o outro. A Campanha de Jesus já tinha traçado o seu plano e o Salazar tinha que ser o «messias.»

E agora a outra nota:

No meio da conversa surgiu o caso cometido pela República com a Lei da Separação das Igrejas do Estado. O Vitorino Guimarães contou que alguns padres trans-



resultados explicaram que a sua má vontade ao Afonso Costa e á sua politica vinha de este os ter entreado aos bispos com a lei reparatista; antes da lei sentiam-se protegidos pelo Estado, depois ficaram á mercê da boa ou má vontade dos prebendados — e isso era o que os indignava.

O Paul Testes que se via calado, lançou a certa altura esta frase:

— É o que me admira é que o vosso dr. Afonso Costa, com toda essa furia anti-clerical, era um catolico...

O Ernesto Lopes saltou logo:

— O quê?... o Afonso Costa catolico?...

Eu olhei para o Vitorino, com ar interrogativo; este, com o seu sorriso fino, fez-me um gesto de quem não protestava e quasi me regressou enquanto os outros falavam alto:

— O Afonso era-o, no seu intimo, sem exteriorizações. Quando muito era cristão...

Eu apenas lhe disse, no mesmo tom:

— Muito se aprende com a rethica...

E na verdade, esta do dr. Afonso Costa crente foi para mim tão grande revelação que me deixou um tanto ou quanto aturdido. O que dirá a historia?



É que partido tirará disto, um dia, os clericais, quando o caso se divulgar?

Refpito: muito se agradece com a melhi-  
ce...

É já agora, sempre deixarei registada uma anedota (porque quero crer que é ane-  
dota) que um dos presentes contou a respei-  
to do Julius Dautas.

Como se sabe, o illustre Dautas é mui-  
to assediado por principiautes das letras que  
desejam servir a sua « abalissada opinião. »  
Um desses principiautes, poeta por rival, con-  
seguiu audiencia, numa altura em que o  
grande homem disse ter que sair, mas que  
pelo caminho iria ler todas as produções se is-  
so não desagradasse ao solicitante.

Assim se fez. O Dautas ia lendo, lendo,  
sem commentarios. Ao descerem a Avenida,  
nos talhões esombrados onde os pardais  
chilreiam aos milhares, o Dautas parou ao  
ter certo poneto. Coincidiu a parapeu com  
o desacato dum pardal que deixou cair sobre  
os catorze versos umas gotas grossas do es-  
cremento...

O Dautas não ~~comentou~~ se mostrou ar-  
reliado com a irreverencia da passarada;



voltou-se para o poeta principiante e com o seu ar olímpico de príncipe das Letras disse-lhe afectuosamente:

— Como vê, meu amigo, o pardal parece ter razão... É eu sou da opinião do pardal...

Entregou o manuscrito ao rapaz e despediu-se com elegancia soberana.

Isto pode ser simplesmente anedota; no entanto o caso podia dar-se mais ou menos assim. E o pardal foi mais inteligente que o Dantas que provavelmente não encontrava boa saída para a consulta...

Queem sabe? É assunto para ser estudado por aqueles que se dedicam á verificação da inteligência dos animais.

E aqui está no que se entretenem o grupo de maduros que, ás 4<sup>as</sup> feiras se reúne na Revista Militar...

Lisboa:

Junho: 27.

Ontem, a Ana Maria, minha netá, tomou parte na audição dos discipulos da Prof.<sup>na</sup> Maria Luiza Mauo, no salão nobre do Conservatorio.



Tocou uma valsa de Chopin e tocou com sentimento, com compreensão, deu-me a expressão devida, como quem não olha só a técnica.

Tenho, para a musica, a aluna da Mãe e quero crer que virá a ser alguma coisa como pianista.

### Lista:

Julho: 1

Conheci hoje o Gabriel de Sousa Dias, arcebispo oficial do exercito que trocou, e m.º tem, a farda pela profissão meritória de professor liceal e escritor.

Tenho dele alguns livros sobre Angola e leio sempre os artigos que escreve no Primeiro de Janeiro em regra acerca de assuntos angolanos. Não o conhecia, porém, pessoalmente.

O Pires Monteiro convocou-me para um encontro com ele, na Revista Militar, para depois irmos á exposição dos ex-livros do Antonio Lima e a seguir a um chá-das-cinco á Riviera nos Restauradores. E assim se fez, como fôra planejado com a melhor das intenções.



Gostei de conhecer o homem. Tipo de homem franco, levemente rude, com a tez queimada, de certo, do sol africano, maneiras simples, modestas. É, á primeira vista, simpático. Fala com clareza, sem rodeios amarelados. Nota-se logo que vem habituado a outro ambiente.

Vômos á exposiçãõ dos ex-libris. O Pires Mont.º apresentou-me ao Antonio Lima, antigo official de Cavalaria que por convicções monarchicas se demittiu quando a Republica se proclamou em 1889 — convicções que não o obrigaram a renunciar á reintegração no exercito como alferes e temente reformado nos termos de uma lei de actual situação. É um sujeito baixo, de cabelos já brancos, corvidos, penteados para trás, de oculos de miopia, maneiras atenciosas, se bem que mantendo certo afrecho e olhar de intelligencia e presentadôr.

Eu já tinha visitado a exposiçãõ e nota-se que o expositor desenha bem, com traço firme e afrecho com certo rispôr a imitação da obra. Talvez não tenha grandes vãos nas concepções mas vê-se que é artista e sabe o que faz.



Conversámos um pouco acerca de ex-libris, prometi mandá-lo o meu e expliquei-lhe a origem. A conversa foi interrompida pela chegada dum sujeito alto, de olhos, com cara grosseira e nada simpática, com o qual o Lima se afastou a falar junto de uns exemplares expostos, de maior categoria. Pouco depois, despediram-se com modos afaveis e o Lima voltou para o pé de mim, amavelmente:

— V... desculpe esta interrupção... Era o Martins Barata que queria umas explicações sobre aqueles ex-libris...

— Este é que é o Martins Barata, pintor e desenhador de pelos? perguntei eu interessado.

— É, é este mesmo... É um dos meus grandes inimigos... É como V... viu, tratava-me com todas as amabilidades...

Eu fiz um gesto vago que significaria a frase: « que se lhe ha-de fazer?... o mundo é assim... » e continuei a conversar acerca de ex-libris e de arte em geral — até que a certa altura oigo, por traz de mim, al-guem dizer com voz sonora, como do velho amigo:



— Ora muito prazer em ver o meu Coronel! Então como passa?

Voltei-me e dei com o coronel Alberto Faria de Moraes, com ar triunfante e superior, sorridente, que me estendeu a mão afavelmente. Senti, mas sei o quê de repulsa; e é possível que na minha expressão houvesse qualquer sinal disso porque o homem mudou um pouco de maneiras e limitámos os cumprimentos ás laudatões do estado de saúde de cada um e das respectivas famílias. Não consegui ser superior, bem contra vontade, ao sentimento de repugnância que me provocou não só o aparecimento quasi brusco do homem como e principalmente o tom de superioridade satisfeita.

O Faria de Moraes não escondia a satisfação pela minha "derrota", no caso do estudo sobre o Saldanha.

Logo que o Pires Mont.º e o Sousa Dias termináram a visita á exposição, fizeram-se as despedidas e fomos, todos tres, até á Riviera, em frente, abancarmos a uma mesa de chá com torradas. Senti, então, certa calma; o ambiente agradável e a



boa companhia dos dois parceiros, desfizeram-me certo nervosismo que me causou o encontro com o Faria de Morais.

A conversa com o Gastão de Sousa Dias caiu mais ou menos sobre assuntos coloniais e notei que ele ficou um tanto ou quanto surpreso não só pelo meu interesse pelo assunto como pelos conhecimentos que eu tinha em especial na parte histórica.

Foi, enfim, conversa agradável e longa que deixou excelente impressão do homem. Ficámos de trocar trabalhos, como velhos amigos.

Mas ao voltar para casa ainda trazia na memória, apesar de tudo, o sorriso de superioridade do Faria de Morais.

O velhaco!...

Lisboa:

Junho: 2

Ora hoje o meu "caso Saldanha", teve o seu desfecho lógico...

Bateu á porta, á tarde, um soldado com um embrulho e um officio. O embrulho continha os dois volumes dactilographa-



dos do meu trabalho acerca do marechal; e o officio dizia o que aqui fica copiado para memoria:

« S. Ex.<sup>o</sup> o General Chefe do E. M. encarrega-me de informar V... que, em virtude da maioria das entidades consultadas para dar parecer acerca do trabalho de q. V... é autor intitulado O Marechal Saldanha, sua vida militar, suas ideias e métodos, não concordar com a sua publicação por conta do Fundo de Instrução do Exército, foi o requerim.<sup>to</sup> de V... indeferido, o que S. Ex.<sup>o</sup> o Gen.<sup>al</sup> veicemente lamenta.

« Junto se devolverem os dois volumes ditos ditografados que haviam sido entregues nesta repartição.

« Peço a V... que releve a demora havida na resolução do assunto, a qual foi motivada por terem de ser ouvidas varias entidades sobre a obra.

« O chefe da Repartição (a) Manuel Alcobia Veloso, coronel. »

A repartição de onde veio a nota é a 1.<sup>a</sup> da 3.<sup>a</sup> Direcção Geral au país do Estado.



Maier do Exército e tem a data de hoje, 2 de Julho. Está, pois, terminada a demanda... O tom do marechal apañhou "com a tábua", como hoje se diz em colão fino.

Não me surpreendeu o desfecho. Quero, porém, deixar aqui a confissão de que me senti abalado ao ler o officio. Mais uma martelada!... É o que me abaleou foi o ter a certeza de que as variadas informações dadas sobre a obra foram dadas por criaturas inferiores, incapazes de trabalho semelhante. Com excepção do Gastão de Melo de Matos que votou segundo o seu criterio politico e não segundo o seu juizo de historiador, os outros que deram parecer desfavoravel foram criaturas ou inferiores intellectualmente ou methacos reaccionarios como o Taria de Moraes.

O meu nome e o assunto da obra que fixava um grande nullo do Liberalismo foram a causa da derrota — e derrota quasi direi miseravel...

Não me quero vangloriar; mas o caso está mais ou menos no genero da fábula do leão e do burro. Custa muito levar o coice do asno quando se está, como eu,



actualmente, na chamada «rua de Bai-  
xo.» É um pouco duro.

É está explicado o sorriso de superior-  
ridade que ontem surpreendi no Faria de  
Morais.

É ponto final. Não me quero deixar  
levar pela má disposição que me pôde  
torrar injusto ou parecer desfeito.

### Coimbra:

Julho: 4

Em Coimbra e, naturalmente, por  
pouco tempo. Gado não que volto a casa  
e me encontro entre os meus livros, co-  
movo-me. Parece que estou destinado a  
passar a velhice aos trancheiros...

Que lhe hei-de eu fazer?

Ora hoje de manhã bateu-me á porta  
o Agostinho Seguro Pereira, meu antigo al-  
fene no Grupo de Medrahadoras, hoje advo-  
gado na Povoação do Varzim e director de um  
colégio no Porto e... parece que houve um ri-  
co. Este Seguro Pereira era um dos meus  
subalternos preferidos; rapaz esperto, mul-  
to correcto, desembaraçado, mostrou-se  
sempre muito dedicado e amigo. Cousei



vou sempre ter lembrança dos tempos em que serviu no Grupo e quando vem a Coimbra procura-me e desfia um rosário de recordações... É o que é interessante é a maneira como o faz, com certo entusiasmo, com fluência fácil, com vivacidade tal que me transporta facilmente a essa quadra da me.<sup>a</sup> vida militar em que alguma influencia exerci sobre um grupo de rapazes novos — quasi todos hoje em situação de quodominio.

É o Seguro Pereira afirma sempre que quando se encontra com algum desses rapazes de então, como o Frederico Lopes da Silva, hoje general; o Vitorino Peres Fundado Galvão, na reserva no posto de coronel; o Augusto Carimiro, o poeta-sold.<sup>o</sup>; o Santos Costa, ainda e sempre ministro da Guerra; o Oliveira Leite, actualmente na reserva como capitão; e outros mais — a conversa cá sempre sobre os tempos do Grupo de Metralhadoras, sobre a minha acção como comandante "de facto", porque "de direito" era o Alberto dos Santos Pereira Monteiro a quem eles chamam ainda "um coirão..." É afirma mais o Seguro Pereira que todos



eles me estimam e consideram e que é desse tempo que me veio a alcunha simpática de Mestre de Aviz a que já nestas minhas notas me referi, creio eu, em qualquer altura.

E assim a conversa seguiu, sem interrupção, porque o Seguro Pereira fala com facilidade; e eu senti-me um pouco patifoneio com essas recordações que são, em parte, compensadoras de varios contratempos — tanto mais que esse desfiar de lembranças é sincero e não traz intuíto de lisonja ou mera cortezia.

E na verdade esse periodo foi um bom periodo da minha vida militar; tenho a consciencia de que a minha accção não foi inutil.

Mas adeante.

### Coimbra

Julho: 6

Ara hoje tomei uma decisão que não é, verdadeiramente, correcta; mas tomei-a com o direito que todo o cidadão tem de, ao menos uma vez na vida, pôr as mãos no chão e dar uma parrelha de coices... Nem mais nem menos.



Sou vogal da Comissão de Hist. Militar desde 1929. salvo erro; e, dito pelo presidente general Teix. Botelho e muitas vezes pelo falecido Ferreira Lima, um dos raros vogais que trabalham. Já tive um laudário, mas me lembro neste momento quando e, pela Casófia, ou qualquer realidade de poluente, um dos poucos vogais esparizados. etc. etc.

Como o parecer da dita Comissão foi contrario á publicação do meu trabalho sobre o Saldanha, sem a menor contemplação pelo colega e atenções pelos meus serviços — eu tornei a decisão de regressar a exoneración do cargo como prova de... ná lá! de meu humor ou mesmo se quizerem, de despeito ou de outro qualquer sentimento pouco elevado.

Não importa a classificação do acto q. proibico que reconheço não ser muito elegante (como hoje se diz); mas, com franqueza, quero ter o tal direito da parrelha de coices... Estão convencido de que eles também não procederam muito "elegantemente", e assim, amém com amor se papa e... não para o diabo q. os carregue.



Nestes termos, entreguei hoje ao General Tel. General desta Região o seguinte requerimento dirigido ao ministro do Exército:

« F. . . . vogal auxiliar da C. H. M. no meado por portaria de 24 de Agosto de 1929 inserta em O. E. n.º 13, 2.ª serie, de 7 de Setembro do mesmo ano, não podendo, por motivo de sua idade, doenças e encargos particulares a que tem de atender, continuar a exercer as funções que sempre, aliás, procurou cumprir dentro da referida Commissão, rogo a V. . . . se dignue exonerar-lo do cargo com que, naquela data, foi honrado. — E respeitosamente — Pedro de ferimento. — (a) B.P.

E lá ficou entregue e deverá seguir pelas vias competentes. O gen.º Teixeira Botelho não gostará muito quando o requerim.º lhe chegar ás mãos para informar. Mas tenha paciencia. É bom, tambem, q. ele perceba que eu não gostei da fraca posição que ele tomou no meu caso.

Hoje mesmo mandei uma carta ao general Barros Rodrigues, carta que julgo



de justiça elementar. Estão começado de que se interessou a valer pelo assunto; apenas se poderá dizer que não teve coragem para arcar com os preconceitos. Mas isso não desmerece de certa gratidão. E aqui fica a carta:

«... Recebi, ainda em Lx<sup>a</sup>, a nota em que V... por intermédio da 1.<sup>a</sup> Repartição, me mandou avisar do indeferimento da do ao meu requerimento. Creio V... que qualquer que fosse o defeito do episódio, eu sabia que a boa vontade e o evidente interesse de V... eram sinceros; por isso meho agradecer com reconhecimento, tudo o que V... fez no sentido de me ser agradável. — Não quero tomar mais tempo, meu General; só quero q. V... acredite que lhe fico m.<sup>to</sup> reconhecido e que me subscrevo com toda a consideração, etc. etc. »

Creio ser justo com estes agradecimentos; se me suplico... paciência. Tenho-me supellido muitas vezes na vida. Não quiz também deixar de agradecer ao ajudante do general, o capitão do Arto-



tharis Eduardo Teixeira Barbosa de Alencar,  
creio que, além de ajudante, genro. Depois  
dos agradecimentos pelas atenções que me  
disponham, concluiu assim para que o ge-  
neral pousasse:

«... Quanto ao trabalho acerca do ma-  
rechal Saldanha não ficará na gaveta. Pas-  
sados estes meses de verão em que toda a  
gente descança (mesmo aqueles que, como  
eu, não têm q. fazer) vou tratar de o publi-  
car embora com sacrifícios. Desejo que o  
público que lê e sabe criticar seja juiz na  
contenda. Deu-a foi que houvesse atraso de  
dois anos — período que, quando se está a  
caminho de velho, pode fazer diferença.»

Coimbra:

Julho: 8.

Vejo nos jornais a notícia da morte  
do Antonio Mesquita de Figueiredo.

Ainda ha pouco me escreveram, de Ma-  
drid, onde fôra a reger a uma visita de es-  
tudo a Mérida e à Ponte de Alcantara de que  
me mandou uma excelente fotografia. Car-  
tas cheias de boas disposições, certo optimismo



com projectos de trabalhos de arqueologia. Nada indicava doença, antes pelo contrario, boa saúde quer mental quer fisica.

Ha anos disse-me que andava debaixo da ameaça de uma angina de peito e durante algum queixava-se desse mal; mas a verdade é que o via sempre animado, sempre bem disposto, um pouco "má-língua", para a direita e para a esquerda, dando-me a impressão de que se esquecera da terrivel ameaça.

Seria, agora, que a ameaça se realizasse? Morreu na sua casa da Figueira de Foz, onde naturalmente fôra repousar de viagem por Espanha.

Era muito meu amigo, tratava-me com todas as atenções; e sendo, com outros, por nêses, pouco tratavel, foi comigo sempre de grande correccão com provas de boa amizade. Gostava de me ouvir a opiniao acerca de certos assuntos e acerca de certas pessoas e por muito particular que fosse a consulta, foi sempre de grande lealdade.

Era, enfim, embora sem grandes inibições, o que se chama um bom amigo.



ANTÓNIO MESQUITA DE FIGUEIREDO  
ADVOGADO  
Rua Pinheiro Chagas, 27 - 1.º - D.º  
LISBOA - Norte - PORTUGAL

Exm. Senhor

Coronel Belisario Figueira

Imminente escrita

Leva assim em Mesquita de Figueiredo sobre a  
correspondencia q. me dirigia. E fazia-o a serie!







É a notícia inesperada da sua morte, incomodou-me bastante. Mais outro que desaparece para aumentar o vácuo que começo a sentir é meu irmão.

É com a agravante de que desaparece um amigo de há regularmente cinquenta anos, em quem podia ter confiança e do qual sentia sincera estima.

Que se lhe ha-de fazer?

Coimbra:

Julho: 11.

Com a procissão solene que este ano tem o charmariz do Nuncio apostólico, terminaram praticamente, hoje, as festas tradicionais da Rainha Santa.

Muita e muita gente. Teria que nunca vi tanta gente em Coimbra nas festas; não sei avaliar, mas na S. feira passada, por ocasião da procissão da noite, a multidão era extraordinária, compacta; havia gente de toda a parte, excursões numerosas, estrapeiros em certa quantidade; ~~em~~ e tudo me fazia pensar no que é a vida moderna, ávida de gozo, de festas, de causas, de dambulações.



chega a fazer impressões este costume  
 de movimento de gente; e não sei se sou  
 se mal ao pensar que haverá muito de in-  
 consciencia nesta permanentemente movimenta-  
 ção principalmente para festas.

Enfim... acabáram os festejos da Rai-  
 nha Santa e eu tã hera acabáram. E, na  
 mos lá! apesar de todas as boas vontades  
 reaccionárias, a festa, teve o mesmo  
 velho cunho popular e pagão. A Rainha  
 Santa foi sempre, creio eu, bastante indul-  
 gente; era doutro tempo...

### Cóimbra:

Julho: 12.

Fui hoje á Louisa e a Miranda tratar  
 de assuntos varios nas Conservatórias e Re-  
 partições de Finanças.

Como habitual. O que para mim não é  
 habitual é a impressão que sinto quando vou  
 a esses sitios, em especial a Miranda. Pa-  
 ra que repetir o que aqui já tenho dito, se  
 me não enganar? Venho de lá mais ou me-  
 nos amanchucado.

A minha vida não quiz que ali poderse  
 passar a velhice, que por ali visse correr



o tempo, seus altos e baixos, não direi já de maneira contemplativa mas ao menos com a possível tranquilidade.

Não pode ser. Paciência.

### Paz (Mafra)

Julho: 21.

... E cá estou eu, de novo, na quinta-rota, neste deserto cheio de saloios...

O destino assim quiz.

Em vez do vale de Miranda, do cenário da terra, de toda a tranqüila beleza que sempre me chamou e me entristece, vejo estas encostas duras, pedras, sem atrativos de qualquer espécie, desabridas e monótonas.

E os meus livros e os meus verbetes e os meus manuscritos lá ficaram em Coimbra e boa vida...

### Paz (Mafra)

Julho: 23

Este caso da Índia que eu che os jornais de cima a baixo o que dará?

O caso afigura-se-me sério e sinto q. a situação criada não é situação para ser



diripido por um ambigo seminarianista que, de mais a mais, é jesuíta.

Sue pairá deste embate dum homem resolutó e sem escrúpulos com um ralhoso professor de finanças, cheio de preconceitos?

Oxalá o Graveiro Lopes que deve ser homem decidido e o Sarmantó Rodrigues que tem mostrado certo desembaraço, possam compensar a indecisão característica do tenebroso seminarianista de Santo-Come-dão...

Paz (Maíra)

Julho: 27.

Comencei hoje a barbear-me com uma máquina eléctrica. O caso é banal como todos os casos banais.

O que porreu me leva a deixar aqui consignado o facto foi o comentário feito durante a primeira rapadela de queixos por meio da electricidade.

O homem é, realmente, um bicho inteligente e inventivo. Sue mais coisas inventará ainda por esse desauerolar de peccellos?



Paz (Mafra):

Julho: 28

Recebi hoje uma carta curiosa de Alberto de Moura Pinto, em resposta a outra minha escrita ha dias para a Quinta dos Vales, em Vila-Cova de Sub-Arô.

O dr. Joaquim de Carvalho dissera-me que ele estava doente e deveria ser operado. Perante esta noticia puz de lado velhas divergencias politicas e certas desconfianças levantadas e escrevi uma carta amavel, simples, sem qualquer evocação de outros tempos ou qualquer lembrança, apenas com interesse pela saúde e cumprimentos tanto quanto possível affectuosos.

A resposta chegou hoje e com sinais de que ficou satisfeito com a m.<sup>a</sup> deliberação. Salpica a epistola com o mesmo ar de bom humor e a mesma ironia pronta. Parece que os transeunhos que levou não o amadureceram muito e mostra vontade de um encontro, lá mais para deante, para se conversar amavelmente e lembrar os tempos idos que, segundo diz, não seriam melhores que os de hoje mas que, ao menos, "eram os nossos..."



Confesso que fiquei algum tanto peivado  
 bilizado com a carta. Desapareceram cer-  
 tas discrepancias de outros tempos e só vi o  
 perseguido que me rodar de uns vinte anos  
 bem passado vários bocados e, regendo jo-  
 rece, abalado bastante a fortuna que, sem  
 ser grande, lhe dava seguro bem-estar.

Vou responder-lhe e lá para Outubro  
 ou Novembro procurarei vê-lo. Que dia-  
 bo! o que lá vai, lá vai!... E com todos  
 os seus erros era, como dizia o outro, um  
 varão de Plutão ao pé destes farcautes  
 de agora.

### Lisboa

Julho: 31.

Aqui estão, novamente, de passagem.  
 Ontem fez a Ana Maria 13 anos; hoje a  
 Maria Helena 45. Dois aniversários pe-  
 quidos: o primeiro, florido e alegre; o se-  
 gundo, passado pacatamente, como deve  
 ser passado o aniversário de quem se con-  
 te cansada e não sei se desiludida.

Adiante. Não quero avançar hipóte-  
 ses para que não tenho elementos de prova.  
 Os aniversários foram aqui mencionados



porque hoje, no correio vinha uma poesia "anônima", que logo se viu ser da Ana a felicitar "anonimamente", a Mãe. Como achei curiosa deixo-a aqui transcrita.

Já não é a primeira versalhada que faz; mas esta é a que consegui apurar. Lá fica, pois, para memória e curiosidade:

« D. Helena, todo esbôta,  
 Símbolo da formosura  
 É uma ótima professora  
 Dos ditos de Literatura.

Seu esposo, homem distinto,  
 Sobretudo no desarrumar,  
 É precedido por Helena  
 Que os dias passa a rathar.

Quando regressâmos a casa  
 Cansados todos do trabalho,  
 D. Helena, sem começando,  
 Nunca lhe pára o logatão.

Não nos saquiêmos mais  
 Com coisas bastante léras;



Que a Dona Leminha faz  
45 Primaveraes.

Vinha - lhe, pois, desejar  
Dia de muita calma  
Sem dizer uma palavra  
A sua querida Filhinha. »

31 - vii - 954

(a) Anónimo.

Paz (Mafra)

Agosto : 3.

De volta á passadeira da quintarola,  
encontrei alguma correspondencia acumu-  
lada. Entre outras cartas tinha uma, n.<sup>o</sup>  
anual, do José Ferreira Monte, em nome  
da direcção da revista Verdice, a lembrar  
o meu antigo prometimento de colabora-  
ção e a solicitar qualquer trabalho para en-  
dir á falta de original que os apresenta  
nesta altura.

Lisboa - me a solicitação porque  
a Verdice é uma revista de novos e eu con-  
sidero-me velho; já em tempos lhes di-  
se isso embora para os satisfazer lhes pro-  
metesse um pequeno estudo que eu titula



ria Napoleão visto por Balzac. Mas... a  
 verd.<sup>a</sup> é que o tempo foi passando e com  
 ele os aborrecimentos foram surtindo e  
 o livro ensaio (seria um ensaio?) que  
 cheguei a começar e de que escrevi duas  
 laudas não ficou esboçado mas ficou in-  
 terrumpido.

É o real foi a interrupção. Eu já sei  
 que em interrompendo um trabalho, me  
 custa muito a recomeçar.

É porquê?

Eu sei lá! Cada qual tem as suas ma-  
 nias — e isto deve ser uma mania como  
 outra qualquer.

É o caso dum arcebispo que prometi para  
 o Boletim da Biblioteca da Universidade na al-  
 tura do centenario da elevação a cidade de  
 Vila de Parbalegre, já lá vão uns tres qua-  
 tro annos. Comecei, interrompi, recomecei,  
 interrompi novamente e... pronto! ali  
 ficou para acabar, perdendo a oportuni-  
 dade e aborrecendo.

Venho -o aqui, até em frente, na es-  
 tação. Veiu comigo para ver se o espiri-  
 to palcio que deve andar invariavelmente neste  
 região me ajuda o acabamento.



Pode ser que sim. Mas ainda não  
the peguei. Ele ali está, enfileirado, na  
estante á espera da meará...

Paz (Mafra):

Agosto: 14.

Hoje, dia comemorativo de Aljubarrota, tirante qualquer cerimonia que se fará no local ou no mosteiro da Batalha, as atenções estão voltadas para Fátima e de aqui a manhã haverá festa de arrornha.

Com o pretexto do Patriotismo, a Igreja ou, melhor, a Pecação, está desenvolvendo uma campanha avassaladora a propósito do caso da Índia. E manda a verdade que se diga que a campanha está feita com inteligência e integridade.

Não fosse ela obra da Igreja!

A posição tomada pelo Governo ainda virá a ser considerada como inspiração do Espírito Santo; e se o Nereu Tránsite e acalua a tensão de relações, deverá atribuir-se á influencia de S. Francisco Xavier. Pela certa.

Esta constante acção reaccionaria, com missas por lá cá e por cá, por



jejuns e caminhadas de desagravo, dá-me impressão de fôro e de mal estar.

Vamos a ver o que ha apanhá, dia marcado para a tomada de Gôa e para a chegada a Fátima da peregrinação salvadora. E se a situação não fosse grave, tudo isto daria vontade de rir.

... Deu, quem sabe, de chegar...

Paz (Mãe):

Agosto: 15.

Em regra, neste dia 15 de Agosto, que actualmente é feriado nacional dedicado á "assunção" da mãe de Christo, costumava deixar aqui certas lições de saudade para a festa de outros tempos em Coimbra dedicada á Senhora da Nazaré da Ribeira de Tradas, freguesia de Tauciro.

A festa era conhecida simplesmente por « a Nazaré da Ribeira. » Bons tempos se, na verdade, eram melhores.

Ora hoje, realmente, recordai esse dia da minha mocidade, passado em regra na quinta da Guarda Infante de meu tio João Caetano. Mas, não sei porque, as recordações incidiram mais para o mesmo dia



do ano de 1907 que eu passei alegremente na Serra do Faro, sobranceira a Valença do Minho, perante estupefundo pausenar e no meio de festejos populares.

Tratava-se da romaria á Senhora do Faro, protectora da vila; e como para mim tudo era novidade desde a maravilha da paisagem aos costumes do povo — eu senti-me bem e não sei se poderei dizer... feliz. Sim, feliz. Em todas as vidas pôde haver um momento assim.

Já lá não 47 anos; estou velho e mal parecia querer agora explicar as razões daquella feliz felicidade. Mas poderia explicar: a memoria ainda me não traíçoa muito.

Adiante.

Para que serviria mexer em tão grandes recordações? Seria quasi arivar a ferida que está a cicatrizar.

Senhora do Faro, Senhora do Faro!... Quantos perdões teus que conceder a romeiros como eu, pagãos da cabeça aos pés, que não subiram a ladeira levados pelas tuas graças! Mas podes ter a certeza, oh protectora de Valença! de que este



comeiro de ha quarenta e sete annos se lembrava bem da belleza do seu retiro, da magnificencia da paisagem circundante e da tolerancia e da bondade com que fechava os olhos a todas as fragilidades humanas.

Bem-dita seja, oh S.<sup>o</sup> do Faro!

Paz (Mafra):

Agosto: 24.

Escrevi hoje uma carta ao Adolfo Alvauchés Pinto, actualmente nosso embaixador em Pretoria. Eu devia-lhe agradecimento pela maneira como ha dois annos, sendo ministro, me recebeu por causa do meu trabalho sobre o Saldanha. E, ao mesmo tempo, desejava que ele poubesse o final do episodio.

Depois dos cumprimentos amaveis dizia-lhe:

«... Corridas, foram, as deliberações regulamentares, o parecer dos officiaes que delas foram encarregados, concluíram, ao fim de dois annos, que o trabalho não merecia o subsidio official conforme ha jou-



co me foi comunicado. Desejo, pois, significar a V... o meu agradecimento pela atenciosa maneira como me recebeu e pelo interesse manifestado que reconheci sincero. Muito e muito obrigado, pois, a V... — Quanto ao trabalho, será publicado de qualquer forma, mesmo com algum sacrificio meu. Desejo que o publico e a critica tambem deem a sua opiniao. — Creia-me V... etc. etc. »

Vamos a ver se ele responde e o que responde. Mandeí tambem uma carta ao mesmo teor ao tripad: Joel Vieira que, como aqui deixei dito, foi o intermediario amavel e, quiz-me parecer, um tanto ou quanto interessado.

Paz (Mafra)

Agosto: 25.

O presidente Getulio Vargas suicidou-se. Os jornais contam o caso com juizes neros e alguns edificantes.

E' assim que terminam sempre os diademas. Mais tiro meus fios, mais escandalo meus escandalo, assim vão todos.



Não se convencem de que, na verdade,  
de, a História é a grande mestra.

É pronto. Nada de lamurias ou de  
permeação de exequias.

### Paz (Mafra)

Setembro:

Fui hoje à vila de Mafra e conversei  
durante bastante tempo com o Guilher-  
me Carneira, meu antigo alferes e agora  
comandante da Escola Prática de Infantaria.

É claro que durante a conversa aban-  
dou-se o caso da Índia e o Carneira contou  
com ar confidencial que há dias o Santos  
Costa esteve aí e durante certo espaço confe-  
renciou com ele, fechado no gabinete. Em  
certa altura, como se tratava da próxima  
partida dum batalhão organizado na Escola  
para reforço das guarnições da Índia, o ilus-  
tre Santos Costa teve esta frase:

— Desta vez parece que temos parte...

As coisas da Índia estão a cumprir-se... O  
Nehruí tem medo da O.N.U.

O Carneira não avançou mais com a  
confidência e possivelmente ter-se-ia ar-  
repellido. Mas fiquei sabendo que desta



nêr o governo tem parte e que as coisas da Índia estão a cumprir-se...

Parece que em outras nêres a parte não os tem cafejado e agora o medo da O. N. U. tem feito recuar o papão...

Curioso, m.<sup>o</sup> curioso.

Par (Maфра).

Sexteiro: 7.

Na Escola Drabica de Infantaria organi-  
zou-se um batalhão com o efectivo de 1.000  
homens para reforço das guarnições da Índia.  
Deve partir amanhã de Lisboa.

Este batalhão tomou o nome de Vasco  
de Gama, segundo a moda actual.

Ora bem. Em Maфра distribuiu-se  
ontem um papel convidando os moradores  
da vila a irem assistir hoje a uma missa  
na rezada na basilica « pedindo a protecção  
"divina para os officiaes, papaeitos e praças»  
do batalhão expedicionário e supalharem  
as janelas « com colgaduras e motivos pa-  
trioticos. »

Quer dizer: continúa a exploração reac-  
cionista a propósito dos successos da Índia;  
e o mais interessante é que o con-



vite é assinado pelo presidente da Câmara, o capitão João Lopes que é páu para toda a colher e foi distribuído por reuniões de Mafra, profusamente, durante o dia.

Segundo informações que aqui chegaram, a missa foi espectáculo comumente, com choros e flores; e ainda o dito presidente da Câmara distribuiu pelos soldados medallhões que certamente seriam gravadas com a S.<sup>a</sup> de Sabina.

Ueu exito completo.

O convite vai guardado no final do volume como recordação. <sup>(1)</sup>

Paz (Mafra)

Setembro: 10

O Viterino Nemésio publicou agora um livro com o título O Campo de S. Paulo que é trabalho histórico relativo á fundação da cidade de S. Paulo, do Brasil.

Tive conhecim.<sup>to</sup> disso pela pagina das Artes. Das Letras do n.<sup>o</sup> de ante-ontem do Primeiro de Janeiro organizado pelo Jaime Brazil, contemporaneo e arcebispo amigo de Nemésio.

<sup>(1)</sup> A pag. 292-83.



rio. E digo «arbispo amigo» porque não  
as relações q. actualmente mantêm.

Ora pela critica á obra que parece que-  
rer por amarel, conclui-se que o autor  
«que não é um historiador profissional»  
pois «outras musas o fadaram que não tlio»  
quiz apenas exaltar a accção da Companhia  
de Jesus não só através da accção do Padre  
Manuel da Nóbrega mas tambem a do pro-  
prio Inácio de Loyola com o qual gasta gran-  
de parte do volume.

O Nemezio, apena, inclina as suas  
simpatias para a Companhia de Jesus. Na  
critica diz até: «Estudou com devoção a vida  
de Inacio de Loyola...»

bom devoção...

Seu grande maroto!

E a proposito da Companhia de Jesus,  
parece que volta á baila o caso da estatua  
do Joaquim Ant.º de Aguiar em Coimbra.

No jornal Republica de 8 deste mês  
vem um grande arbispo acerca do assunto e  
dá a biografia do estadista com grande có-  
pia de elementos, p.º provar que o homem  
é um grande culto da Monarquia, do par-



tido cardista e por conseguinte conservador; que foi professor da Universidade e um dos corinthianos mais ilustres, etc.

Está tudo muito bem. Mas se a D. diu-nisia consegue emburrar com a estatua e a não quizer em frente das suas janelas, podem estar certos que terá de ir abaixo.

A emburracão é audaz; e se ela continua... adeus "mata-prades"!

### Paz (mafra)

Setembro: 26.

Ontem como a Maria Helena e o Cristiano quizessem celebrar os seus catorze annos de casados, fomos a Sintra ao seu encontro para almoçar mais ou menos festivamente.

E digo «mais ou menos» porque não é possível dizer, categoricamente, um almoço festivo.

Adiante.

Sintra estava invadida por centenas de marinheiros e soldados americanos de uma esquadra que está no Tejo para render outra esquadra não sei de onde. Não calculo o que os homens apreciaram do passeio;



o que vi é que qual as caminharas paráram na praça em frente do palacio velho, e os ocupantes pararam, os cafés e explaus das encheram-se e a creadapera não teve mãos a media. Foi um completo invação e grande consumo de cafés, de bebidas alcoholicas e sandwiches com pastéis e queijadas regionais.

Enfim, a excursão a Sintra foi afimial para comer e beber — e bem.

Mas adiante.

Com a chegada de mi.ª filha e do marido, deixei a barafunda da praça e fomos fazer horas para o chamado jardim da frente do palacio velho — local approximal onde pouco chegava a barulheira americana.

Depois... como em Sintra é bom evocar as grandes figuras literarias, desde o Byron ao Alencar dos Maia, ficou resolvido que se alimocasse na nova « Estalagem dos Cavaleiros » na estrada que vai para Setúbal, casa de repouso organizada á moderna no local onde si vera est fama residiu o poeta do Child Harold.

Na verdade, não só a ~~estalagem~~ situação do predio como o arranjo inte.



ria eram agradáveis e tanto que concordámos que o Bayram tivera bom gosto e com a actual instalação se passariam ali uns dias de repouso reconfortante — excluindo, é claro, a humidade antieuropeia que era grande.

Depois, saboreado o almoço, seguimos estrada fóra: Petecais, onde o Estado está transformando o velho palácio em hotel de luxo; Mousserát e a seguir até ao norte de Colares e daqui pela nova estrada larga margemada por habitações de bom aspecto, quasi todas entre arvoredo, até á falada Praia das Macãs — onde nunca fóra.

Muita animação ainda, de gente venerante; o mar com ondas cadenciadas; o céu azul puro. Parecem, nada de característico: o mesmo tipo de casarêdo moderno das praças, mistura de todos os estilos de construções; o mesmo aspecto da vida vulgar de praças de 2.<sup>a</sup> ou 3.<sup>a</sup> classe.

Daqui ás Azévilhas do Mar é um juizo. Lembro-me de notar o povoado quando ha anos passei em avião naquelas paragens da semana da aeronautica da Escola da Graja do Marquez; e na verd.<sup>e</sup> ali ha certo pri-



Tonasco que ainda a Civilização e o Turis-  
mo não esbarraram de todo.

O regresso, por Colares, Graça, Pero  
Pinheiro e Cheleros, fez-se ao cair da tarde,  
com joente aversmetado, entre nuvens  
acasteladas com fantasia, sobre as quais  
se projectava, em certos pontos do caminho,  
um ou outro ruído, de velas paudas, no  
alto de qualquer catão mi.

E aqui chegámos á desolação da Paz,  
quasi noite, com a Vesper a brilhar já pro-  
xima do horizonte.

Belo dia e belo passeio. Assim o meu  
espírito estivesse em estado de se regozijar  
com ele.

### Lisboa.

Outubro: 3.

Aqui estou, na capital do Império, su-  
de vim, para não complicar a vida fami-  
liar, celebrar condignamente o meu 75.<sup>o</sup>  
aniversário.

Nem mais meus meus. Cairam-  
me em cima tres quartos de seculo — ferio-  
do já longo, cheio de grandes successos de  
Historia e de tristes episodios que me di-



zeu só respeito e que não valeria a pena contar.

Se tivesse vapor e paciência, poderia aqui deixar comentários e considerações acerca do que foi a minha vida, chegado a esta altura jubilar. Mas o que deixaria escrito seria um rosário de tristezas, um desfile de episódios e desabafos para concluir que a minha vida foi, verdadeiramente, um « falhanço. »

Errei a vida completamente. Desde novo, andei sempre entregue a ilusões; confiante no futuro, bastante alheio a certas realidades, me dei por caminhos errados... Foi tarde que dei por isso, já quando não podia voltar atrás; e assim fui vivendo, cumprindo tanto quanto possível as obrigações tomadas, aguentando com cara mais ou menos alegre as consequências do seguimento de rumo.

E assim foi passando o tempo até que se completaram os três quartos de século para eu poder preguntar:

— Para que serviu esta longa fiada de anos? Para que serviu qualquer esforço desperdido?



O erro capital foi a profissão. Ainda hoje me interrogo como é que eu, com tendência militar de qualquer espécie me deixei encaminhar para a milícia. Os vossos avós Bustorff, quasi todos militares, teriam alguma culpa na transmissão de alguns globulos de sangue guerreiro? Não sei quem será facil sabe-lo.

O certo é que entrando no maquinismo, larguei qualquer estrada ampla por onde meether caminharis, para me tornar uma simples roda inutil e mesquinha de malfadada profissão.

Enfim, lamentações de nada valem nesta altura da vida; e considerar o segredo de rumo só serve para aumentar a tristeza de quem se julga por sua unica culpa fathado e inutil.

Quando distribuí o meu opusculo cinquenta anos depois, alguns destinatarios referindo-se á bibliografia que meu no final, escreveram amavelmente que quem produziu tanto trabalho poderia dizer que cumpriu a obrigação e não poderia queixar-se de vida inutil.





Atualidades, simplesmente. Por que, afinal, o que vale toda a soma desses meus trabalhos que, na sua maior parte, não representam aquilo que eu desejaria fazer e, possivelmente (não sei se será verdade o que vou dizer) poderia e deveria fazer?

Circunstâncias variadas da vida não deixaram que, com calma, com tempo e sossego de espírito, pudesse fazer alguma coisa em que o meu espírito se satisfaria por me afastar bastante da realeza e inferioridade do ambiente profissional. Mas nem isso.

A vida arrastou-se aos transeunhos, talvez com pouco mexo, e assim cheguei ao fim com o desalento próprio de quem correu atrás de ilusões e pouco mais encontrou que o triste resíduo da realidade.

E pensando até no que foi, propriamente, a minha vida de oficial do exército (de distinto oficial do exército, como por vezes ouvi e li...) Também gostaria perguntar: Que fiz eu? O que é que deixei atrás de mim que valesse menção?



Pouco mais fui do que marça de alfaca, apesar de atravessar quadras de agitação política e de guerras.

Bem sei que sentia á minha volta certo respeito, não sei bem fundado em quê; mas, ao mesmo tempo sentia também que andava deslocado e que os que me rodeavam assim o compreendiam.

Entre aqueles que alguma coisa lêem e que mais ou menos compreendem o que sejam conhecimentos ou possuam visibilidade de cultura, sei ser conhecido pelo «ho-mem das ideias...» Vejo este afôdo da minha conhecida insistência pela história das ideias que se deve referir á história propriamente dos sucessos e é possível que na frase haja alguma ironia.

Quero crer, até, que eles não compreenderão o que seja a história das ideias e que se satisfazem, mesmo por alto, com essa corriqueira história que vulgarmente se escreve; e daí a ironia de misturar com alguém desdenho que transparece no afôdo que me lançam — afôdo, afinal, que, sem eles querereem ou imaginarem não deixa de me honrar.



tera realmente, já que me embe-  
rhei na profissão, por esse caminho « das  
ideias » que eu desejava seguir. Mas nem  
isso consegui.

A vida, cheia de cotovelos e encontros  
não o quiz — e fiquei apenas no desejo e  
já agora nem a esperança, de alguma coisa  
realizar nesse sentido que é dado ter.

Demais... cumpro sempre, creio eu,  
as obrigações impostas. E sem vaidade por  
so dizer que consegui nos últimos tempos  
reputação de sabedor, a ponto de, durante  
o meu comando em Infantaria 7 os pro-  
blemas de exercícios regimentais que eu or-  
ganizava, não eram sujeitos a censuras na  
d direcção de Armas e podia pô-los em execu-  
ção sem esperar a necessaria autorização  
— caso quasi excepcional segundo me con-  
fessou o tenente Arualdo de Melo num dia  
da sua inspecção, em Leiria, ao regimento.

Mas de que servia isso se havia sem-  
pre a desconfiança de que as minhas « li-  
teraturas » (como lhe chamava o falecido  
general Francisco Bernardino do Couto) não  
me deixavam ser militar a valer, isto é,  
a saber bem o « quatro á direita volver »



e a julgar que resolver qualquer problema sobre uns cartões do Estado-maior era meio caminho andado para se ver Napoleão?

Defini, durante os quasi quarenta annos de serviço fui um deslocado, creatura que se não integrou perfeitamente no meio quinhismo da profissão e que os outros to-  
mavam em regra como quasi um avis rara como um dia me disse, em conversa sem pretensões, um capitão Tereira, bom homem que encontrei em Infantaria 6, de Penafiel, quando ali estive um anno, como Tenente-coronel.

Que fazer agora?

Arrumar a casa, isto é, arrumar a papelada dispersa, pôr tudo em ordem, para que fiquem as coisas no seu lugar e compreensíveis.

Quero deixar impresso o meu Salda-  
nha já que me meti nesse camisa de onze varas; sacrificarei uns centos de reis para poder dizer que « morra o homem, fi-  
"que o fama!" » e para me regalar com a varia critica ou mordaz ou laudatoria que a obra possa merecer.



Quero o que vier. Não darei parte com as diatribes que me aparecerem e não pedirei qualquer favôr á critica. Ficarei indifferente ao louvâr e á censura.

O que quero é pôr em gratos tempos ao trabalho em que penso ha bons cinquenta annos. E ~~isso~~ depois... é lançar-me ás memorias.

Quero que dizer alguma coisa para a Historia e, confesso, sinto certo desejo intimo de contar a minha vida.

Pobre vida, bem sei. Não será exemplar nem terá valor de alguma especie; mas não deixará de ter certo interesse — como creio terem sempre algum interesse toda e qualquer vida errada...

... E tão errada que, até, não poderei citâr amigos, tal como entendo que devem ser os amigos na verdadeira accepção da palavra.

Em rapaz, lidei com rapazes em rego e discipulos com mais ou menos intimidade. Depois, encontrei outros individuos com quem me relacionei de perto. Mas... eu preguntava a mim mesmo se seriam amigos como eu entendia



que os amigos deveriam ser se simplesmente pessoas afeiçoadas por nobres especiais ou mera simpatia pessoal. Não sei. O que sei é que nunca encontrei o que eu imaginava ser um amigo verdadeiro.

Isto, é claro, é independente da estima que tenho por este ou aquelle velho conhecido, pela consideração que voto ao caracter e á intelligencia de um ou outro, pelo apreço que tenho as qualidades de algum velho que ainda restá de outros tempos.

Eu fim! vida errada, verdadeiramente vida errada...

E como diabo erreí eu a vida, como foi possível que eu, creado em ambiente de Arte e Letras, me metesse neste mezquinismo rudo e sem qualquer elevação, tão contrario a tudo que represente alguma tendencia artistica ou literaria? Como é que eu me supanei no caminho e me deixei iludir por miragens incansáveis?

O resto, o que veio depois, aquilo que repartei durante quarenta annos e que



ainda suposto em parte, foi a consequência do erro inicial.

E não tenho que me queixar.

O culpado fui só eu — e mais ninguém.

### Lisboa.

Outubro: 5

Aniversário do Regime republicano.  
Mais outro dia triste.

Ante-onze, 75 anos de idade; hoje 44 de existência de nova vida política.

A República Portuguesa, como eu, também errou o caminho e agora chora o erro como qualquer criança que teve acções...

Telefonei ao Pires Monteiro de manhã. Ficámos de nos encontrar à tarde; e na verdade nos encontramos na Avenida, e tristemente, numa mesa da modesta pasteleria Venera, tomámos um triste chá com torradas e conversámos com tristeza acerca do mundo em geral e do nosso País em particular.

Ào escurecer, saímos; ele foi para casa e eu vim também para casa.



E aqui fica a lembrança triste do bom  
Xriste aniversário do regime.

### Paz (Mafra)

Outubro: 8

No regresso à Paz, encontrei entre a  
correspondência guardada, um cartão de vi-  
sita do Luis Gonçalves Rebelião com a data  
de 5 do corrente e as seguintes palavras:  
«Cumprimento e sauda fraternalmente.»

Ora aqui está um velho companheiro  
de há cerca de 30 anos, quando ele foi tesou-  
reiro do cons.º administrativo do Grupo de  
Metralhadoras 5, que se lembrou de come-  
memorar o aniversário do regime com um  
simples cartão amarelo — única manifes-  
tação, aliás, de que naquele dia se passava  
mais alguma coisa além do banal desdolar  
das horas e dos dias.

E agora, outro assunto.

No Primeiro de Janeiro de ontem só  
chegado hoje, vem uma gravura que fica  
guardada<sup>(1)</sup> por curiosidade. Representa

---

<sup>(1)</sup> No final do vol.º a pag. 293.



o acto da assinatura da acta final da chamada « Conferencia dos Nove » e guardo-a porque acho muito interessante a expressões dos ministros da Inglaterra, Antony Eden e da França, o presidente Mendès-France, desenhando o chanceler alemão Adenauer a lançar o seu nome no papel.

Parece-me ver na expressão daquelles dois a duvida sobre o valor da assinatura que o chanceler está a fazer; e na expressão do dr. Adenauer eu quero ver a perennidade de um espirito superior que se sabe dominar e que pensa, como os seus antecessores, que compromissos tomados pela força das circumstancias, não têm qualquer especie de valor.

Oxalá isto seja fantasia minha.

Paz (matra)

Dezembro: 15

Tive a parte de ontem e hoje ouvir, no telefonio, a Sinfonia Pastoral de Beethoven.

Ainda ha locados bons na vida. E perg. será que cada vez me sensibilizo mais ao ouvir Beethoven; me comovo a ponto de sentir as lagrimas berlutarem?



Será maior compreensão dos temas desenvolvidos — ou será inutilidade?

É possível que seja mais a última hipótese...

Lisboa:

Novembro: 10

Começou ontem a celebração do 1.º aniversário do quartel de Garrett — e com todo o estádão.

Porque será que esta gente vai celebrar com tanta solemnidade e tanto barulho o aniversário de Garrett?

Li, embora por alto, os discursos proferidos na sessão inaugural, creio que na sala da Câmara dos Deputados. Os do Albrino dos Reis, como dono do crédito e do Pires de Lima como ministro da Educação, procuraram demonstrar que Almeida Garrett foi, no fim de contas, um precursor do movimento nacional de 28 de Maio... Pelo menos, assim me pareceu. Talvez errasse e, se errei, não há nada perdido.

Quanto ao doutor, ao grande Julio, não nos dá: ao menos sabia o que dizia; a discursata teve o mesmo tom enfático, um



Tanto eu quanto Balôfo, como é próprio do  
seu modo de discursar — mas sempre se  
apurava alguma coisa. Teve uma compara-  
ção curiosa de Garret com Merculano, se-  
bem que, para agradar ao ambiente, puxou  
a nota religiosa não sei ~~como~~ se enquitó a  
proposito. Mas adiante.

Teria eu<sup>to</sup> que escrever se quizesse dei-  
xar aqui o que penso acerca de exaltação  
do petreolista reformador, do politico inde-  
pendente, do liberal convicto, feita por esta  
gente de intenções contrarias á grande obra  
garretteana? Mas não escreverei; quem  
sabe se iria longe de mais ou se saberia  
fazer a critica como ela deveria ser feita.

Adiante. Adiante.

Para compensar, mais frases do  
que teria em desbaucar esta gente, tive-o  
em visitar a exposição de gravuras e dese-  
nhos de Jacques Callot.

Sobretudo colleção de obras do patriar-  
ca da caricatura — que eu nunca julguei  
poder ver! Conhecia uma ou outra gra-  
vura e creio até que tenho, em Coimbra,



algumas nos albums esparizados por  
meu Pai e por meu Tio João Baptista.  
Mas um conjunto destes!

É que grandera se se considerar q.  
dali meu a longa série de caricaturistas de  
genio quasi até nós! Estava a sentir as  
impressões por ex.º em Daumier, em Gus-  
tao Daré, nos nossos Vaqueira da Silva ou  
Rafael Bordalo — e até no velho Antonio  
Sup.º Gonçalves e no meu Tio Albino Bacta  
no da Silva, aliás todos da mesma dinastia  
artística.

Sai de lá como aturdido. E voltarei,  
para com mais repar me embrenhar na  
aquele complexo conjunto. Felis, o possui-  
dor de tanta coisa bella!

Lisboa:

Novembro: 15.

O Diario de Noticias, para colaborar na  
celebração do centenario de Garrett, começou  
a publicar umas cartas de amor, inéditas,  
não sei se para a viscondessa da Luz se pa-  
ra outra qualquer galdéria bazonada.

É claro que a publicação destas car-  
tas (q. não ser lançadas, depois, em volu-



me, com intuito de ganho) não tirará  
nem acrescentará qualquer parcela á glo-  
ria literaria do autor, e até as primeiras  
publicadas são bastante inferiores.

Mas, enfim, não de Garrett e as mem-  
rias românticas deverão delirar com o claro  
erotismo do poeta. Porque, na verdade, as car-  
tas respiram erotismo por todas as linhas  
e entrelinhas.

### Lista:

Novembro: 18.

Hoje, sessão na Academia, em honra  
do Teixeira de Pascoais. A oração foi do Joa-  
quim de Carvalho.

A sessão realizou-se numa sala su-  
de nunca estranha, talvez a sala do capitulo  
da casa conventual. Ao fundo, um trono  
para o Julio Dantas, por debaixo dum busto  
do Duque de Lafões; a um e outro lado, ca-  
deirais polenas; a meio da sala uma tábua  
de grande tabuleiro de madeira — separação  
necessaria entre a Imortalidade e a pobre  
humanidade sujeita á lei da morte.

Notei que para lá da tábua, os imortais,  
o génio, a ciencia; para cá da separação, a



certeza do esquecimento, a mediotridade, a ignorancia ... E lá ao fundo o Augusto de Lafões, soltauceiro, parecia sorrir ...

Pode ser que assim fosse.

Sentei-me ao pé do Augusto Carimino que conversava com o ministro da Republica do Perú a quem me apresentou. Não fixei o nome do homem, mas vi que era um methode amavel e reinadio; dizem q. é homem de letras e grande amigo e "admirador" de Portugal. Não sei; só vi que era, apesar da idade, um rapaz m.<sup>to</sup> grande no que respeitã ao bello sexo; pelo menos umas frases lançadas na palestra assim me deram a entender.

Pois que seja m.<sup>to</sup> feliz.

Quanto á oração do Joaquim de Carvalho, que poderei eu dizer? Grande lição, sem duvida, profunda, serena, ~~de~~ de grande elevação, com uma clareza de exposições que nem sempre dá aos seus trabalhos — enfim lição ~~de~~ que se pôde dizer notavel sem qualquer exagero.

Com o dr. Joaquim de Carvalho, comparece-se, até certo ponto, a existencia da casa de grandes balaustras ornamentais. E'



na verdade, um dos nossos grandes e raros valores. Pena é que a sua tempera normal não esteja a par do seu extraordinário talento.

No final, o grande Dautão, ao encerrar a sessão, quiz dizer qualquer coisa. Sentiu, porém, que não seria capaz de corresponder á elevação da conferência e, felizmente, terminou com rapidez. Não era realmente coisa fácil encerrar uma sessão daquelas; e meu foi que ele se não limitasse á sacramental frase de encerramento.

### Lista:

Novembro: 21.

Ontem, ao sair da estação dos correios ao fundo da Calçada da Estrela, é noite, não reparei nem as traves atravessadas no passeio e caí desamparadamente. Senti, novamente, a impressão de que não seria capaz de me levantar; o corpo desceu-me todo; mas lá me levantei conforme podia, notando sómente que havia qualquer coisa de errado que me aliciava.

Do outro lado da rua, na passagem dos electricos, um grupo de pessoas ria-se, ás



claras, do Traambelhães; ao mesmo tempo que um pobre velho, com fardamento de qualquer asilo, vinha pressuroso em meu socorro. Contrastes impressionantes, mas infelizmente verdadeiros.

Hoje, estou alheado de tudo, como se tivesse levado uma péssima noção. E pensando, nem ao menos a conotação de ver surgir duma porta, como ao veneravel avô Galvão do Jacinto do 202, a figura desenhada e simpática do Infante D. Miguel para amavelmente me preguntar:

— Que andas tu aqui a fazer, aos rebolões por esta calçada?...

Apenas um pobre azulado, meio cõxo, me appareceu com solicitude. E foi melhor assim... Quem sabe se eu, megestionado, não me converteria ao Integralismo Lusitano?...

E a propósito de Integralismo: o genero do muito illustre Santos Costa, que é official de Eupenharia, creio q. ainda tenha de, affirmar ao Americo Macedo com o qual realitha na repartição de obras da Direcção General do arma, que ha pouco o negro ofere-



ceu ao Príncipe da Beira ou seja o filho mais velho do pretendente D. Duarte Nuno, um aluoco galante na pensada do Terre de São Julião da Barra.

O aluoco foi, pode dizer-se, secreto; houve reparoso serviço de policiamento para que a Imprensa não tivesse dele o menor cheiro. E assim vaiis ajudado.

### Lisboa

Novembro: 25.

Ontem, no Instituto Lyell, o Nuno fez uma conferencia acerca de Garrett. Assis-  
tencia numerosa, em especial de raparigas da Faculd. de Letras. Muito simpatico.

A conferencia foi uma conversa e devo dizer que agradavel. O Nuno tem seu pre palestre agradavel, variada, quando aborda assunto em que está á vontade; e neste caso pode dizer-se que fez variações sobre um tema conhecido e que, sem dar novidades ou apresentar aspectos novos, em breve o auditorio durante uma hora e tal sem cansasso ou bocejos. Pelo que me toca, devo dizer que gostei de o ouvir e que sómente laobirnei que as qualidades de ca racter



racter não correspondam ao seu valor intellectual. Mas, enfim, como diz o Povo: honra e proveito não cabem num saco.

E já que falo do Nemésio sempre registarei que está, na Faculdade, com pessima reputação como professor. Pseudo de tudo a sua adaptações ou até adesão ao Est. do Novo e a conversão á Igreja de Roma, o que o tem levado a actos que o não dignificam, parece que, como professor, é de extrema irregularidade, não tira a devida atenção ás lições e nem lê os trabalhos dos alunos a ponto de argumentar nos exames de modo que se vê nitidamente que ignora o que está escrito.

Parece que tem havido reclamações bem fundamentadas; mas... em nome do prestigio universitario, tudo se encobre e se arruma sem escandalo.

Vou pensar do regime em que vivemos. Com liberd.<sup>de</sup> de Imprensa, onde estaria o tino do Nemésio?

E assim se vai vivendo.

Uma desta conferencias ou conversações com Garrett, trazo uma recordação curiosa: conheci pessoalmente o escritor Joaquim



Paço de Arcos, o romancista da Ana Paula  
 São tido pelas mulheres.

Eu estava com o Pires Monteiro, na terceira fila de cadeiras; o Paço de Arcos, como genro do falecido commandante Mauro Braz é conhecido daquele e veio falar-me, afavelou-me, com deferencias de pessoa educada. O Pires Monteiro apresentou-me a o Paço de Arcos desfer-me em atenções para comigo, lembrando a carta que eu escrevi á sogra quando lhe morreu o marido. Vejo que a minha carta deu no gôto á familia; possivelmente o documento mais sincero que appareceu no momento do desgosto.

Achei ~~o romancista~~ o romancista pessoa fina, bem educada, com hábitos de sociedade; a voz um pouco frouxa é que torna desagradavel e lhe dá uma vaga impressão ~~de~~ de maneiras efeminadas. Honny soit, parem, qui mal y pense.

Lisboa:

Novembro: 27.

Ontem, em S. Carlos, concerto dado pelo Circulo de Cultura Musical. Luxo, materialismo, feitões e costas das mulheres á vis-



ta do freguês, etc. etc. etc. O programa, q. era o que mais interessava, excelente: cantava o Orfeão de Paupléus juntamente com a Orquestra sinfónica nacional e ouvimos a Cantata 6<sup>a</sup> de Bach e o Salmo sinfónico: O rei David de Honnegger.

Execução magnífica. A bebera do conjunto superpescudou-me. O encanto das composições de Bach é para mim sempre o mesmo: a simplicidade, às vezes a aparência de impavidez, a perfeita correção do desenvolvimento dos temas. E ontem, então, no conjunto de orquestra e de um orfeão requero a cantata pode dizer-se q. foi ouvida quasi em extasi.

Quanto a Honnegger, disse que o contraste é feizante. Música moderna, com traços aliás dum grande lirismo, surge-me com certa estranheza de começo. Em parte devido a temas de carácter oriental a ~~composições~~ composições têm contradições que se tornam evidentes, aos meus ouvidos como eu. Contudo, o magnífico conjunto do câro e orquestra fez com que ouvisse bem recreado os 27 episódios do Salmo e passe do teatro com uma impressão de grandiosa.



que de certo não traria se se tratasse de  
 beaultidade musical. E na verdade Honeg-  
 ger, apresentado com aquela grandeza apa-  
 ratosa de pens, não refugou a ouvidos he-  
 bituais admiradores das soberbas estro-  
 fes de Beethoven.

Enfim, foi uma bela e grande noite.

### Lições.

Novembro: 28.

Este centenário de Almeida Garrett tem  
 dado coisas inusitadas e extraordinárias.  
 No dia, ao abrir uma sessão qualquer, o  
 João Manuel da Costa Director do Secretariado  
Nacional de Informação exaltou a memória  
 do Poeta e Dramaturgo comparando-o com  
 o Salazar!

Está não lembra ao Diabo...

Em que se pareceu estes dois homens?  
 Que ponto de contacto mental podem ter duas  
 criaturas tão diferentes? Pois o ilustre João  
 Manuel da Costa conseguiu o milagre...

Garrett & Salazar... Garrett quasi o  
 precursor de Salazar...

O que sairá mais deste centenário?



Lisboa:

Novembro: 29.

Fui hoje assistir á abertura da exposição garretiana do Ferreira, <sup>Lima,</sup> organizada pelo Camara Municipal.

Quando, ha tempos, li nos jornais o programma official das comemorações do centenario, notei que não havia uma palavra relativa ao Ferreira Lima. Bem sei que o centenario era do quartel do Garrett e que só a es-  
te se deveria prestar a homenagem; mas, que diabo! quando se estuda o poeta, até na elevada preocupação das suas ideias estéticas, a verdade é que, sem se querer, tropeça-se no Ferreira Lima — tanto ficou debruçado a este tom e querido amigo a memoria do autor das Viagens na minha terra.

Notei a falta e pensei que, depois de realizadas as comemorações e abafado o ruido da festa, iria eu dizer de minha justiça em qualquer parte, mas sei bem onde. E se me fosse repado em publicações periodicas o desabafo, ~~em~~ fa-lo-ia em folhetos simples, curto sem devida mas que seria conclusiva.



Estava, então, na Paz, quando o programa saiu nas gazetas; e, contra os meus hábitos, senti-me polemista... Talvez influencia do aborrecimento que então me invadia, ou das preocupações que, inexoráveis, me sobrecarregavam a velhice. Mas o certo é que resolvi dizer de mi.ª justiça ás claras, possivelmente em tom aspero.

Felizmente houve quem visse bem; e comparece-me explicou a D. Maria Lina, foram a D. Julieta Ferrás e o Rodrigues Cavalleiro que se lembraram de que o centenário não poderia passar sem que se fizesse melhor em piér, no Ferreira Lima. E daqui veio a exposição que hoje abriu « da colecção garretiana de Ferreira Lima » (segundo a expressão do catálogo) no palacio Galveias, ao Campo Pequeno, onde creio se concentram os serviços culturais da Camara Municipal.

Lá fui, um pouco antes das 16 horas marcadas no convite; e tarde estava agreste, nevosa, muito desagradavel até, tanto ~~de~~ em que seria mais simpatico ficar em casa, recolhido e absorvido em qualquer leitura amena. Mas não queria nem devia faltár e lá fui.



A' entrada, ainda do pátio, avistei como que a receber os convidados, a figura desageitada, mas simpática, de D. Julieta cada vez mais olheira, ao lado do Jaime Lopes Dias, sorridente e affectuoso. Como bisonho que sempre fui e continuo a ser, deixei passar adiante um grupo de senhoras e homens que foram recebidos festivamente e eu conseguí passar despercebido para um canto um pouco escuro, junto de um vaso com plantas onde encontrei, tambem refugiado, o Possidonio Laranjeiro Coelho.

Olhei então para a assistencia que ia engrossando: ao centro, quasi encostado a um grande busto de Garrett, o Luis Bastar de Macedo, correcto, sempre empertigado e um tanto ou quanto esfiurgico, recebia as honras de dono da casa; e á volta, homens e senhoras que eu não conheci, em pequenos grupos, falavam, cumprimentavam, moviam-se. Pareceu-me ver nos assistentes, aparte o aspecto de mais ou menos distincção, certo ar de interesse; seriam certamente pessoas cultas, velhos amigos do Ferreira Lima, creaturas que se interessam por tais assuntos — enfim, gente de nivel



mental elevado que concorrerem á honreza,  
gem ao infatigavel e honesto admirador do  
poeta das Folhas caídas.

A certa altura, o Pastor de Macedo con-  
sultou o relógio e fazendo um vago gesto de  
conivência seguiu para a escadaria. A assis-  
tência seguiu; e lá em cima, em salas do  
1.º andar, começou-se o exame da exhibi-  
ção garretiana.

A D. Maria Lina á qual, ainda em bai-  
xo, se falava rapidamente, ia explicando e  
guiando, bem como a D. Julieta Ferrão. To-  
dos se curvavam sobre as vitrines atenta-  
mente, quasi em silencio; e notei certo reco-  
nhecimento simpatico no exame de tantas es-  
pecies de toda a ordem — tudo bem ordeua-  
do, bem diferenciado, com arranjo visivel-  
mente artistico que denunciava organiza-  
dores de bom gosto e ~~capacidade~~ de boa compre-  
ensão.

Impressionou-me tudo aquilo que  
ali presenciava. O acto que ali estava a  
correr era coisa séria; meu espalhafatos  
não houve girando  
las de palavreado inutil ou deducções força-  
das para levar a agua a molinho proprio co-



mo em outros actos comemorativos. Tudo se passava com a polriedade e distincão que o Poeta e o seu admiradôr requeriaem.

Eucostei-me a uma orniceira de porta, quasi encuberto por um grande ramo não sei de que planta e observei o movimento geral de curiosidade com que a exposição era vista. E sensibilizei-me ao lembrar o bom e querido Ferreira Lima cujo espirito de eleição ali se espatava e se sentia, naquell conjunto tão amerosamente obliido e tão compreensivamente colleccionado.

Pobre Ferreira Lima! Ficou no caminho, inpletariamente, quasi a dois passos do anno centenario que ele esperava com o justo desejo de prestar a homenagem derivada á memoria de quem, durante quasi meio seculo, dedicou um carinho e uma compreensão inuulgares. Comovi-me, senti-me sensibilizado ao pensar no bom amigo desaparecido, que eu estimava sinceramente e considerava como raro exemplo de amizade.

Quiz dar um abraço á D. Maria Lina e sair; ella, porém, tão rodeada andava



de pessoas interessadas e constantemente reunindo-se em parte satisfeita (e digo em parte porque a lembrança da falta do Pai não me daria a satisfação completa) que abandonei as salas sem mais me dizer — não fosse a minha convicção empurrar-me os momentos de relativo contentamento.

Cá fora a tarde escurecia, reentrinhei-me; e eu galinhei a Banca do Campo Pequeno até ao eléctrico mais triste do que o triste em tardar.

Condições da netice? Sei lá! Fosse o que fosse...

Lista:

Dezembro: 2.

Estive hoje na Seana Nova com o Camaral Peis — que teima em ser um y no ultimo apelido. Recelhi entãem um postal dele um pouco enigmático, devolvido de Coimbra com passapelo pela Paz.

O enigma desfez-se: a Seana necessitava de dinheiro; meteu-se em edições caras, aliás uteis e boas, e os copres pouco mais são do que rasios. Recorre entãem aos amigos e um dos amigos a cuja porta sempre bate



é este pobre diabo que dessa maneira só ganha os encargos.

Mas enfim, adeante. Prometi, quando voltasse a Coimbra, ver o que poderia eu prestar. Eu papa ofereceu-me um exemplar da edição do Fr. Luis de Sousa de Garrett, edição crítica organizada pelo Rodrigues Lapa em 1943, quando se celebrou o centenário da primeira representação do grande drama. Como declarei que não queria juros, naturalmente a oferta era já uma compensação...

Enfim, vamos adeante. Mas não deixa de ser arreliadôr o facto de só se lembrarem de mim para os encargos.

### Lisboa:

Dezembro: 3.

Hoje, á tarde, conferencia do Reinaldo dos Santos no Museu de Arte Antiga, integrada nas comemorações garretteanas. Lá fui atraído pelo nome do conferente e pelo tema da conferencia: O partido da arte na obra de Garrett; mas saí um tanto ou quanto desiludido. Esperava outra coisa do conferencista que costuma ser brilhante e costume



tratar os assuntos com conhecimento de causa. Desta vez, pareceu...

Desta vez cheguei á conclusão de que o Reinaldo (que tambem não dispeusa o y no nome) não lêra toda a obra de Garrett e que fugiu bastante ao assunto principal esfraindo-se em considerações banaes a respeito de outros escritores em cuja obra ha influencia de conhecimentos artisticos. E nestas referencias a outros escritores, quer portugueses quer estrangeiros, tambem notei que o conhecim.<sup>to</sup> das obras que citou não me pareceu completo pois malgurnas quero crer que só o titulo o levou á citação.

Quiz-me parecer, até, que o Reinaldo não estava á vontade ao ter a conferencia; é natural que a consciencia o accusasse... E se na verdade o accusasse, fazia-o com razão. O Reinaldo é homem de seté officios, não teve tempo de aprofundar o assunto e assim tem um conjunto de considerações que não tem o merito de certa elevação ou belleza de forma literaria.

O Gacero da Mata que, não sei porquê, presidiu á sessão, no final disse que a lição do Professor Reinaldo fôra magistral e



perfeita, que se não poderia dizer melhor po-  
lize a obra garretiana, etc. etc.

Até certo ponto está bem. O Casiro não  
perceberia mais e deu-se por satisfeito.

Mas o Reinaldo, o Reinaldo... Todos os  
grandes homens têm calcações, afinal  
de contas.

Lições:

Dezembro: 8.

O que aí vai com o encerramento do cha-  
mado ano mariano! A reacção ultramon-  
tana espalha-se, movimenta-se, ultrapasa-  
ra todos os limites do proprio decêro.

A Igreja católica domina absolutamente  
e não se rislumbra uma attitude de protesto  
ou de simples não concordancia. Hoje deve  
haver procissão nuestro, á noite, que irá  
percever a cidade da avenida de Berne até  
á Sé; já ha dias se distribuiram uns pa-  
peis que, com a forma de convite, não é mais  
de que uma ordem para comparencia ao acto,  
para supalvar e iluminar janelas,  
para cantar e rezar, para, enfim, <sup>se</sup> glori-  
ficar ao maximo a « celestial padroeira de  
Parbupal », a Senhora da Conceição — que,



desta vez, ná lá! mas foi substituída pela  
moderna Senhora de Fatima.

Quando esse papel como curiosidade<sup>(1)</sup>  
Para lembrança futura.

Enfim, um regalo verdadeiro.

Lista:

Dezembro: 10.

Ontem, na Academia das Sciencias, o encer-  
ramento solene do centenario da morte de Al-  
meida Garrett.

Lá fui, dentro da minha casaca de cari-  
monia, com o colar do Instituto ao pescoço, o  
qual, por quasi desconhecido na capital do Im-  
perio, dá que fazer á curiosid.<sup>e</sup> das illustres cir-  
cunstancias. Lá se á cunha, como nunca ni-  
no chamado solar do duque de Lafões.

A certa altura, já passava da hora, a assis-  
tencia levantou-se ruidosamente; eu tambem  
me levantei por julgar que entrava o Presid.<sup>te</sup>  
da Republica com toda a alta e illustre compa-  
nia; mas supaei-me: entrava apenas  
o cardinal Cerejeira, sorridente, cumprimen-  
tando para a direita e para a esquerda.

---

<sup>(1)</sup> No final do vol.<sup>o</sup> a pag. 282-283



Eu ia amuando com a histeria... O cavalheiro estaria lá dentro com todas as pessoas graduadas que costumam acompanhar o chefe do Estado; mas não adiante para verificar que o respeitável publico se curvava reverente. Com certeza que seria assim pois não tardou muito que entrassem as altas personalidades. Fui reverendissimo meu notô, o sr. Cerejeira!

Final, não veio o braseiro Lopes; delegou no Paulo Cunha, ministro dos Estrangeiros, a missão de presidir ao espectáculo solene. Entraram então atrás deste, o Dantas, o baieiro da Mata, o Pires de Lima ministro da Educação, e outras graúdas pessoas encapadas e medalhadas, ou com trajo académico de varias universidades europeas — o que dava ao conjunto certa variedade de indumentaria que me fez lembrar uma frase da impetina do rez-do-chão quando ha tempos assistiu a qualquer solemnidade semelhante:

— Gosto muito destes espectáculos "folgue-  
lericos"... dizia ella, m.<sup>to</sup> convencida.

E na verd.<sup>de</sup>, aquelle conjunto de fardas, casacas, capelos, capas episcopais, condecorações aos centros, era ~~uma coisa~~, na reali-



dade, um tudo-mada folclórico... A in-  
quilina que, de mais a mais é chefe de tele-  
fonista, tinha alguma razão.

Mas vamos adiante.

Começou a sessão. O Dautão abriu-a  
em nome do ministro Paulo Cunha dirigindo-  
se primeiro ao cardeal:

— Eminência!

O ministro, representante do chefe do Es-  
tado, ficou para segundo lugar... Seguiu-  
se o Paulo Cunha q. Também em primeiro  
lugar se voltou para o berejeira:

— Eminência!...

Depois subiu à tribuna o Rui Ulbrich,  
com a sua rica farda de embaixador; como  
os anteriores, saudou antes de tudo o patri-  
arca lisbonense; com curvatura feuda:

— Eminência!

E depois curvou-se para os lados da presi-  
dência, com a humildade da primeira reínia.

As orações destes dois, foram banais e  
por sinal que se repetiram alguma coisa; am-  
bos trataram de Garrett diplomata e homem  
viajado e não definiram o âmbito dos seus  
respectiveos trabalhos. Pouco disseram além  
do que já se sabia pelas biografias conhecidas,



pelas Memórias do Gomes de Azevedo e pelas monografias do Ferreira Lima?

Seguiram-se, então, os extraordinários delegados das academias: de França, Espanha, Bélgica, Brasil e Inglaterra. Os quatro primeiros, não começaram a breve oração sem primeiro se curvarem perante o dito cardeal Cerejeira:

— Eminência!...

Só o inglês, apertado e distinto, é que, antes de ter um pequeno discurso, se dirigiu muito polidamente para a presidência e depois para o público em geral. O cardeal ficou esquecido...

O Dantas, encorreu a sessão com muita doria de palavras, banalíssimas; mas não sem se curvar novamente perante o Cerejeira e sem dar uma "sugradela" ao Sr. Salgueiro, arcebispo de Mililene, sentado nas cadeiras da frente.

E assim terminou a sessão de encerramento do centenário de Garrett na qual as honras pueras ao autor das Viagens na minha terra foram compartilhadas pelo autor da Igreja e o pensamento contemporâneo. E nas palavras finais com que o grande



Julio Dantas encerrou a funcção, com  
 uma leve referencia houve á exposições gar-  
 rebadas que a Camara Municipal organizou  
 no palacio Galveas com as colleções do Forei-  
 ra Lima. Vápo esquecimento? Proposito?

Com estes grandes lumináres tudo me  
 parece possível.

Par (Maia):

Dezembro: 14.

Depois de nós e tal em Lx.<sup>a</sup>, voltei a es-  
 te recanto palcio para fazer as malas e reco-  
 ther a Coimbra.

Sentia - me cansado do bulicio da cida-  
 de. Aquela balburdia constante, a necessidade  
 das regras de tranvito p.<sup>a</sup> se salvar a vida, a cla-  
 ra mostra de egoismo e brutalid.<sup>a</sup> que quasi todos  
 — aborrecem — me cada vez mais e não tor-  
 nando a cidade intoleravel.

Quando aqui chego e não sinto a barulhei-  
 ra das ruas da capital e, á volta, ha tranqui-  
 lidade quasi completa, experimento verdadei-  
 ra sensação de alivio e consolo. Lembro - me  
 da frase do José Fernandes de Noronha e Pan-  
 de de A Cidade e as Serras ao comparar Paris  
 com o sossego das serras duricenses quando



depois da aventura do Príncipe ele foi rever  
a grande metrópole. Também eu, em Lis-  
boa, «estava ... como perdido num mundo q?  
"me não era fraternal» e também sentia que  
«dois impulsos únicos ... parecia estarem vi-  
vos naquela multidão — o lucro e o gozo»<sup>(1)</sup>

Etc. etc.

Por isso aqui, embora este ambiente não  
seja de completo gosto, ao menos, sinto-me  
livre de encontros, de grosserias, do risco con-  
tante de morte e ... do espectáculo desagradá-  
vel do egoísmo colectivo. Debaixo deste aspec-  
to, o luparêjo da Paz não desmente muito o  
nome que manteve.

### Coimbra

Dezembro: 21.

Depois de cinco meses de ausencia voltei  
a casa. Pelo caminho, no caminho, princi-  
palmente ao passar na região de Beira e  
dois Portos, considere as aldeias espalhadas  
por aqueles vales mais ou menos amplos,  
quasi todas entre vinhedos e um ou outro  
santo pitoresco.

<sup>(1)</sup> A pag. 369 da 2.<sup>a</sup> edição.



Já não é a primeira vez que noto o aspecto tranquiilo daquelles aglomerados, a impressão de certo bem estar e até abundancia das propriedades. E fico-me a pensar que talvez por ali a vida corra serena e sossegada, que aquellos povoados aparentemente alegres e limpos não se sintam muito a ballardia que vai por esse mundo fóra.

Quem sabe! A rapidez do cambio não deixa fixar bem certos pensamentos; mas se q. ha uns annos para cá ando sempre em bolandas, fico-me a imaginar uma vida serena em qualquer daquellas casas ainda com seu ar antigo, aquella paz de planuras cheias de vinhedos, onde raramente chega-se o bulicio do mundo e onde só reinasse a quietação das almas e das coisas.

Soubos... que felizmente ainda é coisa sobre a qual o Estado Novo não pôde exercer censura.

Coimbra.

Dezembro: 28.

Hoje, no Largo 8 de Maio (ou de S. Antonio como querem os tradicionalistas) encontrarei, inesperadamente o dr. Joaquim de Carvalho.



Passados os cumprimentos do estilo e as perguntas pelas respectivas saúdes, o Dr. Carvalho abordou logo:

— Então o seu caso do Saldanha?

Gostei que fosse ele o primeiro a falar; respondi que estava tudo na mesma, a esperança de eu regressar a Coimbra e ficou combinado eu procura-lo em casa, depois do dia 6 do prox. Janeiro, para lhe mostrar o original e levar-lhe o calculo aproximado do numero de paginas que occuparia na Revista da Universidade.

Depois, referiu-se á minha presença na Academia quando ele falou acerca de Teixeira de Pascoais e confidenciou-me que o Julio Dantas não gostou da conferencia em especial da parte em que se referiu ao que ele entendia por a "creação poetica."

Pobre Julio...

Fiquei satisfeito com o encontro e principalmente por ver no Dr. Joaquim de Carvalho certo interesse pelo meu infeliz Saldanha e ainda por se não ter esquecido como acontece muito vez.

Será desta?...  
11



Coimbra:

Dezembro: 29.

Fomos hoje almoçar à Pausada do Zereu que o reedifício religioso do ilustre António Ferro baptizou com o nome de S.<sup>to</sup> António.

Seja como fôr, a verd.<sup>de</sup> é que o local foi admiravelmente escolhido. A descrição que o Santana Dionísio faz no 3.<sup>o</sup> vol. do Guia de Portugal não é exagerada. O ambiente é, na realidade, de grande bucolicismo, de uma suavidade e tranquilidade admiráveis, impõe-se pela frescura e pela quietação da paisagem. Em frente, na outra margem do Tago, a aldeia de Mancinhatã parece um pouco os aglomerados de certos presépios antigos; e para o sul, os campos verdes vão esbatendo-se nos contrafortes do Caramulo que hoje real se divisava através da nevoa.

Na varanda envidraçada q. rodeia parte da pequena edificação, ao nível do refectório, pensei novamente em q. ali se passaria a vida com agrado. Idêntica sensação de quasi quietismo que me acudiu há dias, no comboio, ao passar entre dois Partos e Roma na linha de Oeste. Aquela varanda, com as



golltronas cómodas de varias familias e lârnq  
nhos, era cuidadosa; será o uellice a pensar-  
me no subterfuge? É' possível. Mas  
quero crer que ali se passaria o resto da vi-  
da subterfuge é contemplação e ao abandono.

O pior é que em baixo, na estrada, ha  
constante movimentação de carros; e uma  
vez por outra, em obediencia ás regras do  
través, suria-se o roucar das buzinas.

Infelizmente é' certo o dito popular de  
não haver bela sem pena.

### Coinbra:

Desemburo: 31.

Não quero fechar o ano sem aqui deixar  
o meu comentário a respeito da continuação  
da Historia de Portugal, edição de Barcelos, di-  
rigida pelo Professor Damião Peres.

Como se sabe, aquella Historia terminou  
com o 7.º vol.º, nas alturas de 1913 e começo  
da Grande Guerra. Agora, o dr. Damião Peres  
quer continua-la «até aos nossos dias...»

Como é' que, com o actual regime poli-  
tico, se pode escrever a historia do periodo  
republicano que vai de 1913 até ao «glorio-  
so e nunca assaz louvado» movimento



regeneradôr de 28 de Maio de 1926? Como é que o ilustre professor Damião Pêres arranja colaboradores capazes de dizerem simplesmente a verdade?

Esta continuação da Historia poderá obedecer a dois fins: ou a ganhar dinheiro como é proprio do d.º Damião Pêres ou a perpetuar por forma aparentemente séria e por conta do ministerio da Educação ou da Presidencia, o periodo regenerador e paradisiaco que vem desde 1926 até ao tempo presente.

De qualquer modo, a obra projectada não é honesta. Os «objectividade e serenidade» proprias da Historia a que se refere o programa distribuido ha tempo não são possiveis ou colaboradores contemporaneos dos successos, com a agravante de se saber que os desejos constantes desta gente actual é de negar, ou até occultar, a accção dos diripentes republicanos de 1910 a 1926.

Enfim, o proprio programa, ao referirse aos 4 quinquenios deennio do seculo, confessa que eles são «correspondentes (...) a "uma substituição de gerações."»

E assim se vai fazendo a Historia de este agitado seculo.



-x-

E já agora, para encerrar o ano que foi para mim tão bom se tão ruim como os outros, sempre deixarei aqui uma simples nota dos dias que passei em casa, em Lisboa ou na Paz — para se avaliar o que foi a minha desambulação durante os trzeantês e sessenta e cinco dias passados:

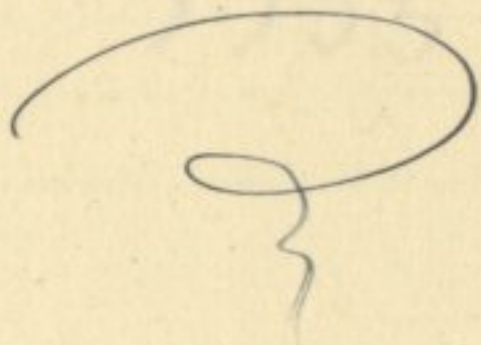
Coimbra	132
Lisboa	125
Paz, Mafra	102
Algarve, excursão	<u>6</u>
	365

Apenas 4 meses e doze dias passados nesta casa, onde tenho tudo o que me interessa e me dá conforto e... algum alento. Outros quatro meses em Lisboa, numa casa sem atractivos interiores e sem o minimum de comodidades. Tres mezes e tanto na quinta da Paz, durante um verão agradável e parte de outono frio.

Só aqueles seis dias do Algarve apparecem como um rasgo de alegria na larva



Tristesa do ano que está a findar daqui a  
pouco. O resto, confunde-se entre preocupa-  
ções e apaziguamentos, entre mágoas e desen-  
ganos — alimento improprio da velhice q.  
se aproxima mas que, infelizmente, pare-  
ce ser o verdadeiro.





a legal notice to the said ...  
 of the said ...  
 and ...  
 to ...  
 the ...  
 and ...  
 for ...  
 the ...

...	...
...	...
...	...
...	...
...	...
...	...

The ...  
 and ...  
 to ...  
 the ...  
 and ...  
 for ...  
 the ...

The ...  
 and ...



: 1955 :



«... eu hei-de exprimar as mi-  
nhas parvoíces confessando-as.»

Camilo Cast.º Branco: Caracás  
Cabeça e estômago, 3.ª ed. pag.  
53.



Coimbra

Janeiro: 5

Começo o ano com uma nota funebre: a morte do Norton de Matos.

Eu não gostava do homem o que não quer dizer que não lhe reconhecesse o valor que, sem favor, era grande. Foi, na verdade, um grandeulto que eu che o periodo republicano de 1911 a 1926; e de tinha defeitos, como seria natural, tinha, em compensação, raras qualidades de acção inteligente e, em m.ºs casos, de verdadeiro estadista.

Ara hoje, ao ler a laimpa noticia do seu enterro, em Ponte de Lima, noticia que no Primeiro de Janeiro eu cheia algumas columnas, comovi-me... Porque?... Talvez porque vivi outros tempos; porque a figura desaparecida do Norton de Matos me fez recordar o periodo agitado dos primeiros tempos da Republica; porque senti o contraste entre essa quadra cheia de erros, é certo, mas em que havia vida, em que se debatiam opiniões e principios, em que, enfim...

Que direi eu?... Mais nada, ponto final na digressão. Foi por tudo isso e pelo que ficou por dizer, que me comovi e me



seubi, verdadeiramente sensibilizado. Semilidade Tabuez; catunice, possivelmente. Tudo poderá ser.

E com a evocação dessa quadra já louqueira, veio-me á memoria uma carta do Helder Ribeiro, ao tempo «Jovem Turco» no Ministerio da Guerra junto do ministro Correia Barreto, recomendando-me que vigiasse ou mandasse vigiar o então major Norton de Matos que viera transferido para aqui, de Vizeu, como suspeito.

Teu exercicio, nessa altura, fins de 1910 ou começos de 1911, as funções de commissario de policia. Procurei a carta, no maço de cartas do Helder, mas não a encontrei — e ficou perdida. Perder-se-ia.

O Norton de Matos, suspeito!... Tabuez por isso, eu nunca consegui reparar o major do Estado-maior que para aqui veio sob suspeição nos começos do regime, desse outro homem, de reais qualidades, que se cumpriu pouco depois e que, na verdade, esteve e justamente, o curto periodo de regime republicano parlamentar.

Coisas da vida.



Coimbra:

Janeiro: 10

Basicamente, encontrei - me hoje na cidade baixa com o dr. Joaquim de Carvalho. Novamente foi ele q. falou acerca do meu trabalho. Parece que está interessado. Não extraiu o sumário da obra, cerca de 270 páginas da Revista da Universidade. Disse até que isso lhe resolveria o problema da falta de original para o volume.

Enfim... Eu, contudo, ainda pergunto: será desta vez?

Coimbra:

Janeiro: 12.

Recebi hoje o diploma e o cartão de identidade de sócio da Sociedade Histórica da Independência de Portugal n.º 1:439.

No verão, o velho am.º coronel Raul Verdades de Oliveira Miranda falou - me no caso e mostrou vontade que eu pertencesse à histórica agremiação. Eu, confesso, não tive cára para me negar e disse - lhe que sim. Depois, esqueci - me.

Ara hoje apareceram - me em casa o diploma, o cartão de identidade e o emblema



para meter na casa do Lafeta do casaco, tudo acompanhado com um amavel officio em que se notificava que eu ficava a dever por aquellas tres notaveis especies a quantia de 34000 : trinta e quatro escudos.

Não foi caro... Pertencer á chafarica patrioteira por 34000, não é coisa de exagero. O que é mais curioso é eu pertencer a sociedade.

Eufim... eu, patrioteiro!

Sempre ha coisas...

### Crimbra:

Janeiro: 19.

Como prometi ao dr. Joaquim de Carvalho fui a casa dele mostrar-lhe o original do meu trabalho e confirmar o calculo feito acerca do numero de paginas que elle occuparia na Revista universitaria.

Folheou o cahamaço dactilographado, recusou a leitura amavelmente e pediu para eu ir a imprensa do Soaresma onde a revista se imprime saber a altura em q. será conveniente eu entregar o original. E como eu lhe fiz ver lealmente que na Universidade poderia ser reparada a ju-



oblição dum trabalho recusado pelo Est<sup>o</sup> do Maier e, além disso, pelo assunto ser unicamente militar, respondeu-me com o seu ar desculpado e risinho:

— Não tem duvida... O melhor é não se dizer nada acerca do caso e quando o volume da Revista aparecer... já não há remédio!

E com esta saída jocosa despedi-me. Parece-me que, realmente, sempre será desta vez.

Vamos a ver.

A tarde, fui ao Quartel-General, procurar o Alceide de Oliveira para lhe agradecer um pedido ha tempos feito. Depois, saímos juntamente; e como a conversa recaiu na politica interna, disse-me ele que a boa vontade do Craueiro Lopes em modificar a situação num sentido liberal, esbarra nas pressões dos commandos militares.

Perante a m.<sup>a</sup> admiração e a minha duvida, acrescentou que é verdade. Dos commandos não periodicamente confidenciais com indicações e sugestões e em todas ellas não ha o costume de tendencia para mo-



dificação do actual estado de coisas. O Pre-  
sidente vê-se, pois, apertado.

Será assim? O Alcide é homem q.  
deve saber alguma coisa. Está lá dentro de  
lealdades e sempre poderá ouvir quais  
quer palavras.

Eu, confesso, não imaginava que a  
republica estivesse assim montada e que  
no erer que os generais serão apenas os  
vistos mandatarios da Igreja. Não os jul-  
go capazes de grandes coisas e m.<sup>to</sup> meos  
de procurarem timonar a mão...

Assim será. Aqui fica a nota, com as  
devidas e naturais reservas.

ad' noite, á hora em que escrevo, a tele-  
fonia transmite-me, de S. Carlos, o Tan-  
häuser. isto meos, é o que nos vale. A  
musica sempre ajuda a esquecer as des-  
grasas do mundo.

Coimbra:

Janeiro: 26

Entreguei hoje na imprensa, grande  
parte do original manuscrito do meu traba-  
lho malfadado acerca do Saldanha. O Gen-



resuma., dono da Imprensa de Coimbra, situada no Largo do Salvador, disse-me que o trabalho seguiria logo que terminasse um artigo do dr. Joaquim de Carvalho ainda não escrito de todo. Guardou o original e tranqui-  
lou-me.

Sempre será desta?

Ora hoje vejo nos jornais, no Primeiro de Janeiro pelo menos, uma representa-  
ção assinada pelo Mendes Cabeçadas e pelo advogado Adão e Silva em que se solicita do Presid.º da Republica igualdade de direitos para os republicanos desde que a chamada Causa Monarquica os tem.

A representação está bem feita, com logi-  
ca e põe o problema bem. Porém, até certo  
ponto, não será a solicitação o reconheci-  
mento do actual estado de coisas?

É claro que não dão resposta. E se a de-  
reza poderá originar uma armadilha como  
há cerca de uns 10 annos com as eleições. Não  
sei se a resolução da Causa Republicana  
foi acto habil e oportuno. O futuro dirá  
e o que vier soará; mas este senhor que  
ocupa a Presidencia não deve estar para



ausibilidades; não quererá a monarquia e é homem para assumir posição mas o que deseja é este liudo estado de coisas — e que a boa memória continue.

Quando, no final do vol.º a representação que é curiosa e sempre servirá para a ter como compensação de tristezas."<sup>11</sup>

Quem, porém, mais ou menos rolou no Instituto para comemorar o centenario da fundação de S. Paulo, no Brasil.

Falarium, segundo o costume, dois sócios brasileiros, m.<sup>to</sup> illustres certamente, mas que não vieram; os seus discursos foram lidos por gente de cá e por sinal que o do sr. José Pedro Leite Carneiro, da Universidade Catholica de S. Paulo, era uma boa amostra de grossa reacção naria a que o leitor, o dr. Tarqueto de Sousa Soares, da nossa Faculd.<sup>de</sup> de Letras, deu relevo solene e intencional.

Mas o mais curioso é que a assistência do bispo auxiliar de Coimbra (a quem deham lugar reparado junto da mesa) occasionou o comentario que eu e alguns servintes fizé-

---

<sup>11</sup> A pag. 284.



ram a respeito das cortezias e salama legues  
que lhe dirigiram: se, realmente, se celebrá  
va o centenário de fundação de S. Paulo se  
se prestava homenagem ao padre...

O dr. Torcato Soares e o Teixeira de ~~Seixas~~  
Seixas, que leram os discursos dos brasileiros  
nos, ao passaram pela frente do bispo ajos-  
tharam e beijaram o anel; o proprio Joa-  
quim de Carvalho não passou sem uma li-  
geira curvatura; só o Nuno Simões se man-  
teve de espinha direita e se limitou ao cos-  
tumado cumprimento á presidencia.

Enfim... Um espectáculo edificante  
em, como diria o Traucoso: de proveito e  
exemplo...

### Coimbra:

Fevereiro: 4

Tive que recorrer, outem, ao medico  
Mario Trincão. Quaisquer sinais esquisi-  
tos, do lado esquerdo, por sobre o coração,  
fizerau com que fosse á consulta. Esta foi  
demorada; levou-me á radioscopia e man-  
dou-me fazer um electro-cardio-grama.

Assim fiz, outem mesmo. De tudo  
se conclue, segundo julgo, um pouco de



esclerose na aorta, vapas tendências para miocardite e não sei que mais.

O começo da decomposição. E o mais notável de tudo é que, pela primeira vez na m.<sup>a</sup> vida, vou levar injeções. Alguma vez havia de ser a primeira.

Vamos a ver o que isto dá. O meu receio não é a morte que me tirará do inferno da vida; é a inutilização física. Isso é que será um inferno duplicado.

Terfim, esperêmos.

Coimbra:

Fevereiro: 10.

Ha tempos, nos começos de Janeiro, o advogado Ant.<sup>o</sup> de Carvalho Lucas em conversas com o Alberto Dias Pereira e não sei quem mais, concordaram em que não seria fóra de proposito reunir um grupo de coimbricenses por nascimento ou por adopção para discutirem problemas da cidade, propor supressões e tentar evitar mais descabidos e atentados como os que se têm feito e possivelmente continuarão a fazer. Daqui veio a ideia dum agrupamento de « amigos de Coimbra », agru-